

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**CAROLINE RODRIGUES DO PILAR**

**AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E O PROCESSO PARAFRÁSTICO NO  
DISCURSO NEOPENTECOSTAL SOBRE O DIZÍMO: BARGANHANDO A FÉ**

**PATO BRANCO – PR**

**2022**

**CAROLINE RODRIGUES DO PILAR**

**AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E O PROCESSO PARAFRÁSTICO NO  
DISCURSO NEOPENTECOSTAL SOBRE O DIZÍMO: BARGANHANDO A FÉ**

**THE IMAGINARY FORMATIONS AND THE PARAPHRASTIC PROCESS ON THE  
NEO-PENTECOSTAL TITHING DISCOURSE: BARGAINING FAITH**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção do título de  
Licenciado Letras Português/Inglês da Universidade  
Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus  
Pato Branco.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marcia Andrea Santos

**PATO BRANCO  
2022**



Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

**CAROLINE RODRIGUES DO PILAR**

**AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS NO DISCURSO NEOPENTECOSTAL SOBRE O  
DÍZIMO: BARGANHANDO A FÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado como requisito para obtenção do título  
de Licenciado em Letras Português/Inglês da  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
(UTFPR).

Data de aprovação: 01/dezembro/2022

---

Marcia Andrea Santos  
Profª Doutora  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

---

Lovania Roehrig Teixeira  
Profª Doutora  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

---

Dener Gabriel Ferrari  
Prof. Mestre  
Universidade Estadual de Campinas

**PATO BRANCO**

**2022**

Ao meu avô, Geraldo!  
Que não tive o privilégio de conhecer em vida, mas  
que deixou um admirável legado para a família. A  
perseverança e o fascínio pela leitura.

Aos meus pais e familiares que não mediram  
esforços para me ajudar a realizar esse sonho!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha estimada orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Andrea por ter me mostrado a riqueza e a beleza da Análise do discurso, por ter me orientado no PIBID; e por ter me aberto o caminho para que eu pudesse completar essa jornada, tendo me orientado sempre de forma muito humana e carinhosa.

Agradeço aos meus pais Ademir e Maria Tereza por terem feito tudo a seu alcance para me ajudar, mesmo que de longe. Agradeço por terem me dado inspiração para a escolha do tema desta pesquisa.

Gratidão a todos os meus familiares, especialmente aos meus tios Marcos e Elza, que me incentivarem a lutar pelos meus sonhos e cursar o Ensino superior (tio, agora não sou mais tão “mocoronga”. Só um pouquinho). Brincadeiras à parte, gostaria de agradecer também ao tio Márcio (tio nenê) e a tia Deyse por terem me incentivado a estudar e por terem me socorrido nas enrascadas em que me meti.

Ao meu companheiro Vinícius Mayer por ter me incentivado tanto a estudar e persistir; e por ter suportado meus “chiliques” de forma tão compreensível. Aos meus amigos Maria Rita e Mateus Palaoro, por terem feito com que meus dias nas UTFPR fossem mais tranquilos e divertidos. Em especial minha querida amiga Maria Rita que me acolheu em sua vida como uma amiga, filha e confidente.

Não poderia deixar de prestar homenagem a minha inteligentíssima amiga Amanda Reche, que sempre me tratou com tanto carinho e sempre esteve comigo tanto nos dias bons, quanto nos dias ruins. Assim como meus amigos e amigas Viviane Barbieri, Guilherme Covatti, Talícia Zanoni, que me acolheram e me mostraram o lado bom da vida. Não poderia esquecer de citar os meus queridos amigos Mari Rossoni, Bruno Guedes e Ben Hur e Diego que me mostram a magia do teatro e além disso, me ensinaram que eu posso ser eu mesma, pois o diferente é bem mais legal que o normal; e graças a Deus, de normal nós não temos nada.

Agradeço a Deus a por ter me dado saúde e força para poder realizar o sonho de ser uma professora graduada em Letras. Meu reconhecimento e admiração por todos os professores do curso de Letras da UTFPR, e a todos que de algum modo contribuíram para eu pudesse concluir esta etapa.

Faltariam linhas para expressar toda a minha gratidão.

A todos, muito obrigada!

*E, se é pela graça, já não é mais pelas obras; se fosse, a graça já não seria graça.*

(BÍBLIA, Romanos, 11, 6)

*O que me preocupa não é nem o grito dos corruptos, dos violentos, dos desonestos, dos sem caráter, dos sem ética...O que me preocupa é o silêncio dos bons*

(LUTHER KING, Martin, 1963)

## RESUMO

PILAR, Caroline P. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso - **As formações imaginárias e o processo parafrástica no discurso neopentecostal sobre o dízimo: barganhando a fé** – Graduação em Licenciatura em Letras Português – Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2022.

O presente trabalho foi elaborado com a finalidade de compreender a constituição do discurso religioso neopentecostal voltado ao dízimo, a partir dos princípios da Análise do Discurso. A problemática que nos motiva a realizar tal pesquisa é o crescente aumento da riqueza das igrejas neopentecostais em detrimento do empobrecimento dos fiéis, somado a várias denúncias reportadas nas mídias acusando essas instituições por promover charlatanismo e estelionato através do discurso do dízimo associado à teologia da prosperidade. Além disso, outros dados alarmantes que motivam a realização desta pesquisa, são os índices anuais liberados pela Receita Federal revelando que os patrimônios dessas igrejas e seus líderes fundadores são estimados em milhões ou bilhões de reais, sendo que esses montantes são todos oriundos ou de dízimo ou doações do governo. Nesse sentido o propósito desta pesquisa refletir sobre o funcionamento do discurso religiosos neopentecostal em relação ao dízimo. Para tal, realizamos uma contextualização histórica sobre o dízimo e em seguida destacamos algumas peculiaridades sobre o discurso religioso e outros conceitos da Análise do Discurso que servem como sustentáculo para a construção de um discurso. Esses conceitos são: esquecimentos, paráfrase e formações imaginárias. Os principais autores fulcrais para esta pesquisa são Orlandi (2013), Santos (s.d), Torresan (2017) e Vieira & Reis (2018). As análises foram realizadas a partir da metodologia interpretativista proposta pela AD. A pesquisa percebe que o discurso neopentecostal sobre o dízimo é persuasivo porque trabalha com as emoções, com as questões inconscientes dos membros da religião interpelados de tal forma que o pagamento do dízimo se torna um dever incontestável para estes.

**Palavras chaves:** Discurso. Neopentecostal. Dízimo.

## ABSTRACT

PILAR, Caroline P. **The imaginary formations and the paraphrastic process on the neo-Pentecostal tithing discourse: bargaining faith.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Licenciatura em Letras Português – Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2022.

The present work was created with the purpose of comprehending the neo-Pentecostal religious discourse constitution focused on the tithe, based on the principles of Discourse Analysis. The problem that motivates this research is the increasing wealth of neo-Pentecostal churches to the detriment of the impoverishment of the faithful, added to several complaints reported on media accusing these institutions of promoting charlatanism and fraud through the discourse of tithing associated with the prosperity theology. In addition, other alarming data that motivate this research are the annual rates released by Federal Revenue revealing that the assets of these churches are estimated at millions or billions reais, and these amounts come from government donations and tithes. In this sense, the purpose of this research is to reflect on the functioning of the neo-Pentecostal religious discourse in relation to tithing. We carry out a historical contextualization about the tithe and then we try to highlight some peculiarities about the religious discourse and other concepts of Discourse Analysis that serve as a support for the construction for the analysis. These concepts are: forgetting, paraphrasing, imaginary formations. The main authors we use to elaborate this research are Orlandi (2013), Santos (n.d), Torresan (2007), Vieira & Reis (2018), among other. The analyzes were carried out via interpretative methodology proposed by Discourse Analysis. This research realizes that neo-Pentecostal discourse on tithing is persuasive because it works with emotions and with unconscious religious members' issues in such a way that the tithing payment becomes an undeniable duty for them.

**Keywords:** Discourse. Neo-Pentecostal. Tithe.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Evangélico em % sobre a população total

Figura 2 - Processo intradiscursivo e interdiscursivo

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Quadro comparativo entre Sujeito e sujeito

## **LISTA DE ABREVIações**

AD – Análise do Discurso

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

IMPD – Igreja Mundial do Poder de Deus

## LISTA DE APÊNDICES

**APÊNDICE A** – Pregação do Bispo Edir Macedo do canal *Palavra Amiga* do *Youtube*.....

**APÊNDICE B** - Pregação do Apóstolo Valdemiro Santiago do canal *Bucaneiro* do *Youtube*.....

## LISTA DE ANEXOS

**ANEXO A** – Códigos para transcrição: NURC

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 10        |
| <b>1 CONSTRUINDO A PESQUISA</b> .....   | 12        |
| <b>2 O DISCURSO RELIGIOSO E SEUS DESDOBRAENTOS</b> .....                                      | <b>19</b> |
| 2.1 Contexto de surgimento do dízimo .....  | 19        |
| 2.2 A incorporação do dízimo no cristianismo .....  | 21        |
| 2.5 Discurso religioso com ênfase no discurso neopentecostal .....                            | 23        |
| <b>3 ALGUNS PRINCÍPIOS DA ANÁLISE DO DISCURSO</b> .....                                       | 32        |
| 3.1 Condições de produção e interdiscurso .....   | 32        |
| 3.2 Esquecimentos .....   | 35        |
| 3.3 Paráfrase e Polissemia .....  | 36        |
| 4.2 OS DIZIMISTAS NA REALIDADE QUANDO PAGAM O DIZÍMO [...] TÊM O DIREITO DE COBRAR DEUS ..... | 39        |
| 4.4 “VOCE VAI SER TÃO LADRÃO QUANTO AQUELE QUE NÃO PAGA O DIZÍMO”<br>46                       |           |
| <b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 50        |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 53        |
| <b>GLOSSÁRIO</b> .....  | 58        |
| <b>APÊNDICES</b> .....  | 62        |
| <b>ANEXOS</b> .....   | 68        |

## 1 INTRODUÇÃO

A religião é um importante resultado das interações sociais, e ao longo da história percebemos a sua grande influência na formação do caráter individual dos sujeitos históricos e do Estado, por isso é relevante refletir sobre esse tema nos termos da linguagem.

Há um tempo no Brasil, é possível observar alguns escândalos denunciados pela mídia relacionados ao dízimo arrecadado por instituições religiosas neopentecostais. O que se percebe no senso comum são críticas em relação ao discurso manipulativo do dízimo. Percebemos o quão importante seria uma análise mais cuidadosa do discurso religioso neopentecostal sobre o dízimo, nesse sentido, uma investigação pelo viés da Análise do discurso que revelasse a possível autenticidade das denúncias retratadas pela mídia e as críticas populares em relação ao charlatanismo.

Popularmente, é frequente ouvir dizer que “futebol e religião não se discutem”. Entretanto, levando em consideração os fatores mencionados acima, uma pesquisa nesse sentido, sem dúvida, deveria ser pensada e discutida, pois pode servir como contribuição para a Análise do Discurso, já que é um tema ainda pouco discutido na graduação.

Dito isso, adiante, para entender melhor sobre o que se trata no estudo é necessário compreender algumas ideias que serão chave no decorrer de todo o texto. Uma delas: o que é neopentecostalismo e qual sua origem; o conceito de dízimo segundo o judaísmo e os elementos característicos que constituem o discurso religioso.

A análise decorrerá sobre dados obtidos no Youtube. De acordo com Burgess e Grenn (2009), o YouTube surgiu como uma plataforma de depósito de vídeos do usuário. Entretanto, no decorrer do tempo, devido à expansão do uso da internet e ao aprimoramento da plataforma, o YouTube tornou-se meio de divulgação para quase qualquer tipo de conteúdo. Além disso essa mídia social proporcionou um diferencial para seus usuários, a possibilidade de produção de conteúdo e interação direta entre ouvinte e locutor, por isso Burgess e Grenn (2009 apud QUEIROZ, 2015) definem a plataforma “[...] como um sistema cultural [...] que representa uma quebra com os

modelos já existentes, consagrando um novo ambiente midiático”. Por essa razão, selecionamos o YouTube como fonte de obtenção das falas que serão transcritas e analisadas.

Os objetos de análise serão dois vídeos produzidos pelas instituições religiosas Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus. Os vídeos são cultos realizados nas instituições já mencionadas que foram gravados e transmitidos ao vivo em canais abertos da televisão e posteriormente postados no YouTube. O que se busca é identificar os elementos linguísticos que constituem o discurso neopentecostal sobre o dízimo.

## 1 CONSTRUINDO A PESQUISA

O objetivo da pesquisa é verificar quais são os elementos linguísticos que tornam o discurso religioso neopentecostal sobre o dízimo persuasivo, e como esse discurso se perpetua no decorrer do tempo.

A proposta deste trabalho surgiu com base em alguns dados preocupantes sobre a doutrina do dízimo e o prejuízo financeiro que os membros das igrejas pentecostais e neopentecostais sofrem em decorrência dos discursos massivos sobre o dízimo.

Segundo a Folha de São Paulo, em oito anos a receita das igrejas no Brasil praticamente dobrou. Segundo dados da receita Federal, em 2006 a arrecadação não passava de mais de R\$ 13,3 bilhões. Em 2013 ultrapassou o montante de R\$ 24,4 bilhões, em 2019 (ano em que a matéria foi publicada) isso significava dizer uma receita de R\$88,8 milhões por dia, valor exorbitante se comparado a instituições financeiras, ou até mesmo a outras instituições religiosas, mas que não são cristãs.

Esses dados ainda podem ser somados aos escândalos da mídia envolvendo algumas igrejas neopentecostais e acusações de charlatanismo., conforme relata Mariano.

Na véspera do Natal de 1995, Carlos Magno voltou à carga tornando público um vídeo inédito, gravado em 1990, em que Edir Macedo aparecia rindo enquanto contava dinheiro num templo em Nova York, divertindo-se num iate em Angra dos Reis e instruindo, durante intervalo de uma partida de futebol, pastores a serem mais eficazes na coleta de dízimos e ofertas. A exibição do vídeo provocou uma das maiores controvérsias religiosas dos anos de 1990 no Brasil, resultando na mobilização de polícia e Receita Federal, Justiça, Previdência Social, Procuradoria da República e Interpol para investigar a Igreja Universal e seus líderes, que, em resposta, atacaram a Rede Globo18, reclamaram de perseguição religiosa e realizaram grandes manifestações públicas de desagravo. Macedo e os bispos da igreja só conseguiram se afastar das páginas e manchetes policiais no final dos anos de 1990 em diante.<sup>1</sup>(MARIANO, 2004, p. 126)

Essas informações nos levam, portanto, a questionar: Quais são os princípios discursivos que estão sendo empregados pelas instituições religiosas neopentecostais para propagar e perpetuar a prática do dízimo? Logo, esta dúvida

---

<sup>1</sup> Esses dados também estão disponíveis em reportagem da emissora Globo. A gravação está disponível no YouTube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vWV18gxb5ZY&ab\\_channel=itajurecaboco](https://www.youtube.com/watch?v=vWV18gxb5ZY&ab_channel=itajurecaboco). Acesso em dez. de 2022.

levantada é a “pergunta problema” que tentaremos responder no decorrer desta pesquisa.

Nesse sentido, a elaboração deste trabalho de tema ainda não muito popular seria de grande relevância para o meio científico, pois o discurso religioso é um tema ainda pouco debatido, embora seja um tema urgente da perspectiva social. As estatísticas revelam que os brasileiros que se declaram evangélico já ultrapassa a marca de dez por cento da população total, de acordo com a imagem.<sup>2</sup>

Evangélicos em % sobre a população total

| Total do Brasil              | 1890    | 1900    | 1940      | 1950      | 1960      | 1970      | 1980      | 1990      | 2000       |
|------------------------------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
| Habitantes                   | 142.235 | 177.727 | 1.074,857 | 1.741,430 | 2.824,775 | 4.814,728 | 7.885,846 | 13,189000 | 27.000,000 |
| % porcentagem de evangélicos | 1.0     | 1.1     | 2.6       | 3.4       | 4.0       | 5.2       | 6.6       | 8,98      | 15.4       |

Figura 1

Além disso, do ponto de vista científico essa é uma pesquisa que tem como objeto de estudo um tema não muito ortodoxo para um trabalho de conclusão de curso, mas justamente por apresentar essa peculiaridade acaba por se tornar interessante.

Compreendemos que solucionar o problema social no âmbito geral seria uma tarefa árdua, talvez até impossível. Todavia pensamos que se a leitura desse trabalho for capaz de impactar a vida de duas pessoas já será ter tido sua parcela de contribuição para a ciência e para a sociedade. Na verdade, se este trabalho puder contribuir para os estudos de apenas uma pessoa já terá cumprido seu papel.

Para tal, a metodologia empregada neste de pesquisa neste trabalho é a interpretativista, indo além da análise de conteúdo, pois além de tentarmos compreender o que o texto quer dizer, tentamos compreender “como o texto significa” (ORLANDI, 2003, p. 17).

Segundo Schwandt (2006 *apud* RODRIGUES, s.d., p. 2050) esse *modus operandi* (interpretativista) baseia-se na compreensão da ação humana, tem a ação como princípio os sujeitos que a realizam, nesse sentido são interpretados de modo

<sup>2</sup> Cf. Referências.

específico estabelecendo diferenças filosóficas que transitam do intencionalismo e análise fenomenológica aos jogos de linguagem.

Essa filosofia do conhecimento considera a ação humana como objeto de estudo, “porém o interpretador deve ter uma postura de observador, que não se envolve, não levando em consideração seus interesses [...] (MARIANO, s.d., p. 2050).

Além disso, o analista do discurso observa e contesta seu objeto de pesquisa, pois o ele é um sujeito constituído por uma memória “e que se utilizará dela para qualquer análise que venha a realizar – qualquer análise ou observação que venha a fazer estará permeada por sua visão de mundo” (ORLANDI, 2013, p. 11).

Orlandi portanto afirma que a AD em sua origem epistemológica tem a interpretação como fundamento.

Se, como tenho afirmado, não há sentido sem interpretação pois a língua se inscreve na história para significar e é aí que proponho apreender a questão da ideologia, do sujeito, a interpretação dá visibilidade ao mecanismo de funcionamento da ideologia e do sujeito. Articulada à descrição do que se apresenta como forma material (ORLANDI, s.d., p. 11).

Para melhor leitura e compreensão, esta pesquisa está organizada em várias etapas. Como objetos de estudo escolhemos a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus, devido ao seu forte e frequente apelo ao dízimo e envolvimento em escândalos midiáticos relacionados ao dízimo.

As análises serão feitas a partir de vídeos de enunciações dos líderes religiosos das Igreja Universal do Reino de Deus<sup>3</sup> e Igreja Mundial do Poder de Deus<sup>4</sup>, ambas neopentecostais, sendo que, de modo mais específico, selecionamos dois vídeos, filtrados para a temática da entrega do dízimo. Tais enunciações estão na forma de sermão e foram realizadas no culto com transmissão nas redes de televisão aberta Record e Rede Brasil, e posteriormente foram postados no YouTube.

O trabalho de análise aconteceu em três etapas, são elas: a) transcrição conforme NURC; b) exploração do material e c) interpretação.

Para a revisão bibliográfica utilizamos artigos, livros, além da Bíblia. No caso, dos textos bíblicos preferimos utilizar a Bíblia de mais nova tradução (NVT) para melhor compreensão do leitor. Entretanto, percebemos que os líderes religiosos em questão preferiram por utilizar a Bíblia de tradução antiga em suas pregações.

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://youtu.be/EovGFP26b60> acesso em set. de 2022.

<sup>4</sup> Disponível em <https://youtu.be/b925ABFkp9s> acesso em set. de 2022.

Como mencionado anteriormente, a metodologia analítica da pesquisa é de caráter interpretativista, pois a análise do discurso se dá por meio da interpretação. Uma metodologia de pesquisa interpretativista deve considerar os seguintes aspectos em sua análise: dinâmica entre momento histórico e realidade social em que o discurso foi realizado, sujeitos envolvidos, posições dos sujeitos, o objeto de discurso, os dizeres não ditos, as antecipações etc. Conforme explica Orlandi (2013, p. 60):

O analista deve explicitar os processos de identificação pela sua análise: falamos a mesma língua, mas palavras diferentes. Se assim é, o dispositivo que ele controla deve ser capaz de mostrar isso. [...] O dispositivo, a escuta discursiva deve explicitar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos; descrever a relação do sujeito com sua memória.

Essa pesquisa está organizada em três etapas principais. A primeira etapa consiste em contextualizar a origem e história do dízimo, em um segundo momento descrevemos algumas características específicas do discurso religioso. Em outro momento abordamos a concepção do dízimo para o Cristianismo em uma de suas vertentes, o neopentecostalismo. Para esta revisão bibliográfica utilizamos artigos, livros, a Bíblia e websites. Nesse trabalho estamos mencionando a palavra Bíblia sempre com letra maiúscula, pois estamos considerando o texto bíblico como um livro cujo o título genérico é um substantivo próprio. Os autores mais frequentemente mencionados no texto são: Orlandi (2013), Santos (2013), Vieira & Reis (2018) e Torresan (2007).

A última etapa do trabalho é a seção de análise de dados, em que procuramos interpretar os dados com clareza e objetividade. Esses dados que analisamos foram obtidos por meio do YouTube.

O objetivo inicial em relação a escolha dos vídeos era delimitar a análise de vídeos apenas de canais das próprias denominações ou de canais explicitamente produzidos por fiéis e apoiadores. Conseguimos encontrar material de análise de Edir Macedo a partir de um canal da denominação. Contudo não obtivemos sucesso em encontrar dados de análise de Valdemiro Santiago oriundos de canal da denominação, fiéis ou apoiadores.

A respeito disso, lançamos a hipótese a título de curiosidade de que existe uma possibilidade de que esses vídeos em que Santiago pedia o dízimo de forma escancarada foram retirados ou até mesmo nem postados nas mídias da

denominação devido aos efeitos negativos que esses sermões poderiam continuar causando na imagem da denominação.

Para a transcrição dos dados de fala dos líderes religiosos, Edir Macedo e Valdemiro Santiago, utilizamos os códigos de transcrição do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta <sup>5</sup> (NURC), todavia é importante destacar que nem todos os códigos foram utilizados. Empregamos apenas aqueles que consideramos mais apropriados para o tema do material a ser transcrito.

Além disso, acreditamos ser importante para a organização da pesquisa trazermos alguns dados biográficos dos atores da enunciação, pois algumas dessas informações podem ser necessárias para compreender os fatos e ideologias que os constituem histórica e socialmente.

O Bispo Edir Macedo, como se auto intitula, nasceu em uma família praticante do catolicismo, no entanto aos dezenove anos de idade abandonou a catolicismo como religião e converteu-se ao evangelismo. Nesse período Edir Macedo já frequentava uma igreja pentecostal, a “Igreja Pentecostal de Nova Vida.”

Foi nesse meio que Macedo conheceu R.R Soares<sup>6</sup> e, após estreitarem laços de amizade, decidiram juntos iniciar suas carreiras no pastorado. A partir daí, em 1975 eles fundaram a igreja itinerante “Salão da Fé”.

Apenas um ano depois, abriram a “Igreja da Bênção”, que mais tarde passou a ser a “Igreja Universal do Reino de Deus” (IURD). Algum tempo depois, Edir Macedo e R.R Soares passaram a se desentender devido a questões de cunho administrativo da denominação.

Soares decidiu romper a aliança entre dois, e nessa ruptura ele teve sua parcela do trabalho na fundação da igreja reconhecida em forma financeira. Com esse subsídio, R.R Soares fundou a “Igreja Internacional da Graça”, que conta com 1.500.000 fiéis, e tem uma programação em rádios e na TV aberta.

No ano de 1978, Edir Macedo realizou um grande feito ao conseguir um espaço na programação da antiga emissora TUPI. Foi nessa emissora que Macedo apresentava o programa “O despertar da Fé”, que contava com trinta minutos de

---

<sup>5</sup> A tabela de legenda dos códigos de transcrição NURC se encontra nos anexos.

<sup>6</sup> R.R Soares, uma abreviação de Romildo Rosa Soares, é o pastor fundador da Igreja Internacional da Graça. Atualmente essa instituição religiosa ainda existe, e R.R Soares continua ativo como pastor. Ele também apresenta um programa evangélico em um programa de rede aberta chamado Show da Fé no canal Rede TV!

duração diárias. Enquanto isso, nessa mesma época, ele sempre lançava suas canções e, dessa forma, crescia em popularidade.

Após a falência da rede TUPI, Edir Macedo passou a apresentar seu programa na emissora Bandeirantes. Em 1981, seu programa já era exibido em mais de vinte estados no Brasil. Algum tempo depois comprou novas estações de rádio e alugou espaço em programas televisivos. E em 1989 comprou a emissora Record.

Em 1992, o Bispo Edir Macedo se envolveu em um escândalo por acusações de dois membros da Igreja Universal que relatam que “perderam tudo em prol de um milagre, e nada aconteceu”<sup>7</sup>. A partir daí, o caso virou notícia de primeira mão na época, pois ele ficou detido na prisão durante onze dias, já que o Ministério Público o acusava de charlatanismo e estelionato. No entanto, alguns dias após, o ocorrido foi absolvido pela justiça.

Após sua soltura e absolvição, Macedo escreveu um livro intitulado “Nada a perder” em que relatava sua experiência na prisão. No livro, Edir Macedo revelou que as denúncias contra ele eram ataques do Vaticano, pois ele relatou que estava sofrendo perseguições da Igreja Católica.

Assim como Edir Macedo, Valdemiro Santiago, que se intitula Apóstolo, nasceu no seio de uma família pobre. Santiago nasceu em Cisneiros, na região de Palma, da Zona da Mata de Minas Gerais. Devido às suas condições de extrema pobreza, Valdemiro estudou apenas até o quinto ano do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais (primário).

Valdemir se converteu ao evangelismo pentecostal aos dezesseis anos de idade. Foi membro da “Igreja Universal do Reino de Deus” e atuou nos cargos de obreiro, pastor e bispo.

Valdemiro foi integrante ativo da IURD durante dezoito anos, mas devido a problemas com a liderança desligou-se; e em 1997 fundou a “Igreja Mundial do Poder de Deus”, sendo que Valdemiro adotou muitas práticas da IURD, por isso, as duas se assemelham nas questões doutrinárias.

Em 2008, ele conseguiu fechar uma parceria com o Grupo Bandeirantes para pregar na rede entre vinte e uma e vinte e duas horas, diariamente, e dessa forma passou a ganhar popularidade. Pouco tempo depois, o programa evangélico dele estava sendo exibido por outras rádios e outras emissoras brasileiras.

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://segredosdomundo.r7.com/quem-e-edir-macedo-conheca-a-historia-do-fundador-da-igreja-universal/> acesso em: nov. de 2022

Assim como Edir Macedo, Valdemiro Santiago se envolveu em escândalo e prisão. Em 2003, em Sorocaba, o apóstolo foi pego em Blitz da polícia carregando em seu porta-malas uma espingarda, duas carabinas e também quatrocentas caixas de munição. Ele alegou que as armas eram para caça e que estava levando para um amigo.

Estes dois são considerados os pastores mais ricos do Brasil. Em lista da Forbes de 2013, Edir Macedo foi considerado 1.638º pessoa mais rica do mundo, sendo que sua fortuna foi avaliada em dois bilhões de reais, e não muito distante o Apóstolo Valdemir Santiago acumula uma fortuna de quatrocentos milhões de reais.

## 2 O DISCURSO RELIGIOSO E SEUS DESDOBRAENTOS

### 2.1 Contexto de surgimento do dízimo

Para compreender o discurso religioso acreditamos ser fundamental conhecer o contexto de surgimento do nosso objeto de análise.

Como já se sabe a palavra dízimo quer dizer dez por cento de algo e é um termo de origem judaica (em hebraico ma'asser). A primeira vez que algo parecido com o conceito de dízimo aparece na torá ou no velho testamento da Bíblia é no livro de Gênesis 4.1-7, quando Abel e Caim separam uma parte de frutos e animal como ofertas à deus. Mais à frente em Gênesis Moisés menciona que Abraão deu ao sacerdote Melquisedeque os espólios obtidos de uma guerra que vencera.<sup>8</sup>

E Melquisedeque, que era rei de Salém e sacerdote do Altíssimo, trouxe pão e vinho. Melquisedeque abençoou Abraão dizendo: “Abraão seja abençoado pelo Deus Altíssimo, que criou o céu e a terra! Seja louvado o Deus Altíssimo, que entregou os inimigos de você nas suas mãos!” Aí Abraão deu a Melquisedeque a décima parte de tudo o que havia trazido de volta. (BÍBLIA, Gênesis, 14, 18-20)

Posteriormente no livro de Gênesis quando Jacó fugia de Esaú ele implora a Deus: “Se Deus estiver comigo [...] e me der pão para comer e roupas para vestir, [...] e tudo que você me der, dar-lhe-ei um décimo.” A partir dessa passagem, menciona-se uma quantia específica a ser destinada.

Jacó se levantou bem cedo, pegou a pedra que havia usado como travesseiro e a pôs de pé como um pilar. Depois derramou azeite em cima para dedicá-la a Deus. Naquele lugar havia uma cidade que antes se chamava Luz, mas Jacó mudou seu nome para Betel. Ali Jacó fez a Deus a seguinte promessa: “Se tu fores comigo e me guardares nessa viagem que estou fazendo; se me deres roupa e comida; e se eu voltar são e salvo para casa do meu pai, então tu, ó SENHOR, serás o meu Deus. (BÍBLIA, Gênesis, 28, 18-22)

Depois que os Hebreus saíram do Egito, Moisés, líder do movimento de êxodo, recebeu as tábuas dos mandamentos no Monte Sinai. Essas tábuas continham os preceitos e deveres que o povo Hebreu deveria seguir, sendo um

---

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.vidapratijudaica.com/single-post/2020/02/28/d%C3%ADzimo-no-juda%C3%ADsmo-obriga%C3%A7%C3%A3o-de-quem> Acesso em: out. 2022

desses deveres era o dízimo. Somente a partir disso os judeus souberam como o dízimo (*ma'asser*) deveria ser separado e para quem deveria ser destinado.

O *ma'asser* era dividido em quatro partes, sendo elas: *maaser rishon*, *terumá maaser*, *maaser sheni* e *maaser ani*<sup>9</sup>, cada uma dessas partes tinha uma função e ou destino diferente.

O primeiro *ma'asser* (*ma'asser rishon*) eram os dez por cento da produção agrícola de Israel como uvas, grão de trigo, azeitonas etc., que cada família os entregava para os Levitas. A tribo de Levi não recebeu terra em Israel, pois Deus os encarregou apenas de cuidar do Mishkan (Tabernáculo). Portanto, para que a tribo de Levi pudesse desempenhar esse trabalho todos os gastos para seu sustento eram providenciados pelas outras tribos.

O Senhor disse:

- Eu dou aos levitas todos os dízimos que o povo me oferece. Isso é o pagamento pelo serviço de cuidar da Tenda Sagrada. E nunca mais os outros israelitas devem chegar perto da Tenda porque isso seria um pecado e causaria a morte deles. Mas os levitas farão o trabalho da Tenda e serão responsáveis pelos erros que cometeram; essa lei é para sempre e valerá também para os seus descendentes. Os levitas não terão nenhuma propriedade em Israel, pois eu lhes dei para ser propriedade deles, os dízimos que os israelitas me apresentam como oferta especial. Foi por isso que eu lhes disse que não teriam propriedade em Israel. (BÍBLIA, Números, 18, 21-24)

Da primeira *ma'asser* ainda era separado uma porção denominada *Terumá gedola*, essa parte era separada para o sumo sacerdote. *Terumá gedola* significa porção do dízimo que é separada para os sacerdotes, as quais eram denominados *kohanin*, ou seja, quando os levitas recebiam o *ma'asser* eles partiam um quinquagésimo e entregavam aos *kohanin*. Então o dízimo era separado em uma porção para os levitas como um todo e outra porção para os sacerdotes levitas.

A sequência apropriada para separar as porções necessárias é que o proprietário (pessoa que oferecerá o dízimo) reservasse primeiro aproximadamente um quinquagésimo da produção para servir de *terumá gedola* para o Kohen e, em seguida, separasse um décimo do restante da produção como *Maaser Rishon* para o Levi. (VIDAPRÁTICAJUDAICA,2015)

O segundo dízimo era o *Ma'asser Sheni* se tratava de um ritual, em que depois que as famílias já haviam entregue seu *ma'asser* aos levitas e aos *kohanin* as famílias deveriam pegar o restante de seus produtos e retirar seu *ma'asser* (uma porcentagem que já deixavam separada), esse *ma'asser* “deveria servir de alimento

---

<sup>9</sup> Cf. Glossário.

para a família enquanto estivessem em Jerusalém” (VIDAPRÁTICAJUDAICA, 2015), essa parte era denominada como *Ma’asser Sheni*.

O terceiro ma’asser denominado de *Ma’asser Ani*, era destinados a classe mais vulnerável da sociedade, como as viúvas, os órfãos e os pobres. Esse ma’asser era feito da seguinte forma.

De três em três anos juntem a décima parte das colheitas daquele ano e guardem na cidade onde você mora. Essa comida é para os levitas, pois eles não têm terras próprias; é também para os estrangeiros, os órfãos e as viúvas que moram nas cidades de vocês. Assim todos eles terão todas a comida que precisarem. Façam isso para que o Senhor, nosso Deus abençoe todo os trabalhos de vocês. (BIBLÍA, Deuteronômio, 14, 28-29)

Ou seja, os judeus podiam trabalhar na terra durante seis anos, no sétimo ano a terra deveria descansar, esse ano era denominado como ano sabático. Após esse ano os judeus poderiam voltar a lavrar a terra.

Durante esse ano sabático dos campos não havia oferta de nenhum ma’asser. Além disso no quarto e no sétimo ano os judeus deveriam remover os dízimos. Todo o dízimo que restava deveria ser comido ou redimido, caso o dízimo estivesse impróprio para o consumo ou estivesse bom, mas sobrasse, ele deveria ser queimado.

## 2.2 A incorporação do dízimo no cristianismo

Em 567, no concílio de Tours, foi publicada uma carta chamada Encíclica, nesta carta quatro bispos da Igreja Católica Romana advertiam aos fiéis quanto ao “pagamento” dos dízimos. Alguns anos depois houve o II concílio de Macon, em que o pagamento do dízimo foi estabelecido como lei eclesiástica. Tal lei ainda referia o não pagamento do dízimo com excomunhão conforme Santos (2013, p. 10368).

Segundo Santos (2013), nos séculos IX e X, a lei do pagamento foi instituída em diversos outros concílios. O concílio de Latão, de 1179, por sua vez, lembrou aos fiéis que não poderiam reter os dízimos sem que houvesse perigo para suas almas.

Já no século XIII o dízimo esteve em uma das pautas importantes da Igreja Católica, muito provavelmente essa preocupação se deu devido às necessidades do clero diante da falta de ofertas voluntárias dos fiéis, das exigências dos imperadores e do aumento da construção de templos, como descreve Santos (2013).

A partir desse momento, o dízimo deixou de ter caráter voluntário e passou a ter caráter obrigatório.

O dízimo teve papel fundamental na história de vários países da Idade Média. Durante esse período, os dízimos eram regulamentados por lei, isso quer dizer que o dízimo já não estava exatamente ligado ao nível espiritual, tampouco ao nível secular, pois ainda assim não deixava de ser uma doutrina da Igreja Católica Romana[...] e por toda a Idade Média serviu como fonte de conflitos entre Igreja e Estado” (SANTOS, s.d, p. 10370).

No Brasil, a regulamentação do dízimo é encontrada nas regulamentações das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, promulgadas em 1707 pelo Sínodo da Bahia, conforme Santos (2013, p. 10370).

Segundo Santos (s.d., s.p.), outro período importante para a história do dízimo no Cristianismo é o período das indulgências, embora indulgência tenham um significado diferente de dízimo em seu âmago, um tanto as duas se assemelham, pois ambas foram instituídas por meio de imposição e ambas estavam ligadas a riquezas para a Igreja Católica.

A Bula Papal *Unigenitus Filius Dei* (O Filho unigênito de Deus) mais conhecida como *Unigenitus*, assinada pelo Papa Gregório VI em 1343, foi peça chave para um período em que a Igreja Católica ficou conhecida como “extravagante”.

Pierre Roger foi eleito Papa em 1342 em Avignon, assumindo a posição com o nome Gregório VI, sucedendo a Bento XII. Ele governou a Igreja Católica por dez anos e teve um papel fundamental na mediação de conflitos entre príncipes europeus e “[...]amenizou a perseguição aos judeus durante a epidemia da peste negra que assolou a Europa em seu pontificado.” (SANTOS, s.d., s.p.)

A Bula *Unigenitus Filius Dei* garantia em seu tratado:

[...]a paixão e morte de Cristo adquiriram um inesgotável tesouro de méritos reservado nos céus para a Igreja, para o qual a Virgem Maria e os santos continuavam a contribuir e que tinha especificamente garantido a Pedro e a seus sucessores com o propósito de aliviar os fiéis de suas penalidades temporais, através da aquisição de indulgências. (SANTOS, s.d., s.p.)

Além disso, segundo Santos (s.d., s.p.), a Bula condenava os fiéis que tivessem acesso à leitura da Bíblia, especialmente do Novo Testamento. Segundo o autor, essas ações tiveram dois grandes impactos para a Igreja Católica Romana. A primeira delas foi a busca de relíquias perdidas do Templo de Salomão e seu comércio parte da “aquisição dos tesouros dos méritos de Cristo”. O segundo impacto foi acúmulo de riquezas e do poder clérigo que a Igreja Católica adquiriu por meio dos benefícios das indulgências.

A partir destes fatos, outros Papas seguiram essas práticas para arrecadar mais fundos para Igreja.

Havia duas formas de se obter as indulgências. Uma delas era através da prática de penitências físicas e orações, e a outra forma era através da doação de bem material de valor, dessa maneira o fiel adquiria não somente méritos no céu para si, mas também para familiares, amigos, ou até mesmo amigos ou familiares falecidos de forma que acreditavam que o tempo que essas pessoas passariam no purgatório seria diminuído, conforme descreve Santos (, s.d., s.p.).

## 2.5 Discurso religioso com ênfase no discurso neopentecostal

Detentor de um discurso<sup>10</sup>, o locutor se define somente na relação com o interlocutor e o interlocutor na sua relação com o locutor de acordo com Orlandi (1983), em outras palavras, ambos não existem separadamente, só se definem através da interação, portanto essas formas não são categoricamente fixas, elas podem se alterar no processo discursivo.

Pela noção de reversibilidade, proponho não fixar de forma categórica o locutor no lugar de locutor e o ouvinte no lugar de ouvinte. Em minha perspectiva, esses polos, esses lugares se definem em sua essência, mas quando referidos ao processo discursivo: um se define pelo outro, e na sua relação, define o espaço da discursividade. (ORLANDI, 1983, p. 239)

---

<sup>10</sup> O discurso é definido como efeito de sentidos entre locutores, um objeto sócio-histórico no qual a Lingüística está pressuposta. (PÊCHEUX, 1997, s.p)

A autora descreve a reversibilidade como a condição do discurso. Sem a relação de reversibilidade não se constitui discurso. No entanto, nem todo discurso é sinônimo de “harmoniosidade”, pois, como já mencionado, o discurso pode ser classificado em três formas: a primeira delas, o discurso lúdico, o qual se constitui de diálogo de alta reversibilidade, ou seja, a troca de papéis entre locutor se dá fácil e harmoniosamente, pois não há uma verdade central e absoluta a ser defendida pelos sujeitos, há apenas a troca. Como exemplifica Orlandi (1983), é o prazer do bate-papo.

O discurso polêmico realiza a reversibilidade através da “dinâmica da tomada da palavra” (ORLANDI, 1983, p. 239). Como exemplifica Torresan (2007): em uma consulta médica, até certo ponto há reversibilidade de discurso, mas no momento da prescrição, a voz do médico deve ser apenas ouvida e acatada, pois nesse caso o locutor, por ser um especialista, detém o conhecimento, logo a palavra.

Todo discurso tem como princípio a reversibilidade, no entanto nos deparamos com o discurso autoritário, o qual constitui-se de baixa reversibilidade ou até nula. Então como o discurso autoritário pode ser considerado discurso se sabemos que para tanto requer interação? Nesse caso o que sustenta a ideia de discurso é a ilusão de reversibilidade criada. Como explica Orlandi:

[...] embora o discurso [autoritário] seja um discurso em que a reversibilidade tende a zero, quando é zero o discurso se rompe, desfaz-se a relação, o contato, e o domínio (o escopo) do discurso fica comprometido. Daí a necessidade de se manter o desejo de torná-lo reversível. Daí a ilusão. (ORLANDI, 1983, p. 240)

Para a compreensão da reversibilidade, Orlandi (1983) destaca um critério importante: a polissemia (ruptura de determinado discurso), ainda que esse discurso autoritário seja mais restrito, a polissemia ainda está presente, porém de forma cerceada. Já que, o “dizer não é propriedade particular” (ORLANDI, 1983, p. 32) do locutor, pois a enunciação retoma e ressignifica dizeres já enunciados anteriormente ao longo da história. O discurso autoritário na maioria das vezes não permite uma reversibilidade real, mas apenas uma ilusão dela, essa é uma característica muito comum no discurso religioso, por isso a importância de ser pontuado nesse trabalho.

Nesse sentido é imprescindível definir o que é o discurso religioso e então estabelecer uma relação com aspectos mencionados acima e a concepção de reversibilidade. Para tal, historicamente, observamos a igreja como um poderoso Aparelho Ideológico de Estado, que, incisivamente, exercia influência sobre outros

Aparelhos Ideológicos de Estado. Althusser fundamenta tal pensamento da seguinte maneira:

[...] no período histórico pré-capitalista, que examinamos a traços largos, é absolutamente evidente que existia um Aparelho Ideológico de Estado dominante, a Igreja, que concentrava não só as funções religiosas, mas também escolares, e uma boa parte das funções de informação e de cultura. (ALTHUSSER, 1970, p. 58).

Isto se dá devido à relação discursiva fictícia entre os sujeitos, o autor (1974) parte das seguintes premissas de que: “a) só existe prática através e sob uma ideologia e b) só existe ideologia através dos sujeitos e para os sujeitos.” (ibidem, p. 93). Toda categoria de sujeito é *formativa* de toda ideologia, em outras palavras, todo sujeito é essencial e naturalmente ideológico e como sujeitos ideológicos, por mais que involuntariamente, praticamos, diariamente, “rituais do reconhecimento ideológico” (ALTHUSSER, 1974, p. 95), desde os mais cotidianos como um aperto de mão, numa espécie de reconhecimento do outro.

Nessa perspectiva, para Althusser (1974), o termo *sujeito* é essencial para a definição do discurso religioso, pois a ideologia cristã parte do princípio da concepção de Deus como absoluto, como criador de si mesmo, como Sujeito (ênfase para a letra maiúscula), enquanto que “todo indivíduo é chamado pelo seu nome, nunca é ele que se dá um nome” (ALTHUSSER, 1974, p. 99) sendo assim, um sujeito (ênfase para a letra minúscula). Nesse raciocínio Orlandi reforça:

O indivíduo não nomeia a si próprio nem a Deus; por outro lado, Deus nomeia, não é nomeado. [...] O autor [Althusser] passa então, a distinguir o Sujeito dos sujeitos vulgares: Deus é o Sujeito e os homens são os seus interlocutores-interpelados, os seus espelhos, os seus reflexos (não foram criados à Sua imagem?). (ORLANDI, 1983, p. 241)

No que se trata da relação entre Sujeito-sujeito, Althusser (1974 *apud* ORLANDI, 1983, p. 242) apresenta três teses que definem essa relação, a) a interpelação dos indivíduos como sujeitos; b) a sua submissão ao Sujeito; c) o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito [...]. Nessa abordagem é possível observar uma dualidade, pois o sujeito pode ser considerado responsável pelos seus atos, ou seja, possuir liberdade de escolha, mas ao mesmo tempo assujeitar-se a autoridade superior do Sujeito, assim, contraditoriamente, desprover-se da liberdade, exceto a liberdade de aceitar a submissão. Dessa forma é possível observar que a ideologia religiosa é também marcada pela contradição.

O discurso religioso pode ser pensado como “*aquele que fala a voz de Deus*” (ORLANDI, 1983, p. 243), especialmente o discurso religioso cristão, que aqui tomaremos como foco de análise. Com base nisso, então, observamos uma desigualdade entre os planos em que os sujeitos estão inseridos, pois o locutor (Deus) está em uma posição superior, divina, absoluta e atemporal, eterno, onipotente, onipresente, onisciente e infalível enquanto que os ouvintes se encontram em um plano, completamente, oposto ao do Sujeito, sendo esse plano o terreno, vulgar, efêmero e temporal, bem menos espiritualizado do que o do Sujeito.

Logo, a relação entre Sujeito-sujeito se define por um valor hierárquico, no qual se estabelecem relações opostas como vida/morte, espiritualidade/materialidade, dessas relações de oposição que surge a necessidade da salvação para a vida eterna, a qual é movida pela fé. Logo a composição desse arranjo nos leva a pensar que esse tipo de discurso se caracteriza pela ausência da reversibilidade, dada à sua tendência mais monológica do que dialógica. Abaixo, evidenciamos essa relação de planos através do quadro.

| <b>DEUS (Plano espiritual)</b> | <b>POVO (fiel/ plano mortal)</b> |
|--------------------------------|----------------------------------|
| Imortal                        | Mortal                           |
| Eterno                         | Efêmero                          |
| Infalível                      | Falível                          |
| Infinito                       | Finito                           |
| Todo-poderoso                  | Dotador de poder relativo        |

Quadro 1

Tratando-se de discurso religioso e discurso teológico é importante evidenciar a distinção entre ambos. O discurso religioso está para a relação natural e espontânea com o divino, enquanto o discurso teológico está para a formalidade, pois o sagrado é abordado de forma sistematizada por meio dos dogmas e doutrinas das verdades religiosas, como menciona Orlandi (1983), em que o sujeito é aquele que intermedia os dois mundos, o material e o espiritual.

Nesse sentido mesmo havendo a possibilidade de relação direta do indivíduo com o sagrado, ou seja, a possibilidade de se falar com Deus, ainda assim há ausência de reversibilidade, pois a relação entre os sujeitos continua monológica, uma

vez que o sentido de reversibilidade não está no fato de se poder falar *também*, mas na ideia de poder falar *com*. Orlandi esclarece esse pensamento.

A própria fala é ritualizada, é dada de antemão. Há fórmulas para se falar com Deus, mesmo quando se caracteriza essa relação de fala pela familiaridade, pela informalidade. Isso porque, quando se fala com Deus, se o faz por orações ou por expressões mais ou menos cristalizadas (como: Ó meu Deus! Faça com que...). Então o informal, o espontâneo, nessa relação de interlocução tem suas formas já dadas, sendo que essa espontaneidade não afeta a reversibilidade. (1983, p. 247)

Gramsci (1966 *apud* ORLANDI, 1983, p. 248) afirma que qualquer religião se constitui de um conjunto de várias outras, como catolicismo de mulheres, catolicismo de camponeses, intelectuais dentro de um mesmo catolicismo. O autor denomina esse fenômeno como heterogeneidade ideológica, dessa forma é possível constatar a linha tênue que estabelece teologia e a religião popular. Embora seja a religião popular a constituinte do essencial para a ideologia religiosa, pois essa compõe o senso-comum e é permeada por outras esferas do catolicismo como paganismo e movimentos heréticos populares.

A nível de análise de conteúdo, no sentido teológico, que não é objetivo primordial deste trabalho, acreditamos que seja pertinente mencionar a título de curiosidade para o leitor que o dízimo surgiu como uma lei judaica. No novo testamento, não existem menções relacionadas ao dever do fiel em obrigatoriamente ofertar o dízimo, o que vemos no novo testamento são menções a *ofertas* que não determinam uma quantidade específica nem a obrigatoriedade dessa ação. No novo testamento, que é o livro que define o que é cristianismo, a oferta pode ser feita por livre e espontânea vontade.<sup>112</sup>

Por tal referência da própria Bíblia, há clareza de que essa ação era específica e tradicionalmente de um povo que, por cultura e obediência à fé, vivenciava tal prática. A questão de grande relevância sobre tal discurso é: será mais um dos resultados do colonialismo sobre o Ocidente? Na verdade, percebemos que a ideologia cristã-religiosa faz parte da identificação do sujeito moderno, estabelecendo processos ideológicos interpelados. (VIEIRA; REIS, 2018, p. 15)

Embora, entendamos e “perceb[a]mos que a ideologia cristã-religiosa faz parte da identificação do sujeito moderno, estabelecendo processos ideológicos interpelados.” Todavia, a questão de pertinência que se irrequieta sobre discurso do

---

<sup>11</sup> A história do dízimo está descrita no subcapítulo anterior.

<sup>12</sup> Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria. (BÍBLIA, 2 Coríntios, 9,7)

dízimo no cristianismo é: por que essa concepção é aclamada com tanta veemência pelos líderes nos templos religiosos? E como se dá esse processo de aclamação na linguagem.

Segundo Vieira e Reis (2018), o que mais surpreende é o fato desse discurso persistir há tantos anos, através das gerações. Nesse sentido cabe a seguinte colocação das autoras:

O paradigma da fé, é baseado em “Toma lá, dá cá”, ou seja, se devolver o que é de “Deus”, nada me faltará; mas, e se eu não devolver? Como forte e poderoso aparelho ideológico do Estado, a igreja foi se difundindo religiosamente e doutrinando suas ovelhas, através do “ensinamento do Dízimo”. (ibidem, p. 16)

Posto isso, é possível estabelecer uma relação com a noção de paráfrase. A paráfrase está para a estabilização, pois representa o retorno de dizeres aos mesmos espaços, assim como a polissemia está para a ruptura, conforme Orlandi “o funcionamento da linguagem se assenta na tensão de processos parafrásticos e processos polissêmicos” (2009, p. 36). Nesse sentido, a paráfrase está ligada à produtividade, pois representa o já dito, embora de formas diferentes, o que significa dizer: produzir variedade do mesmo, ao passo que a polissemia está ligada ao processo de criatividade, que é a conversão de processos já estratificados em novos sentidos. Ademais, trabalharemos na tensão entre esses dois processos discursivos no discurso do dízimo.

[...] – por exemplo, se observamos a mídia é a produtividade e não a criatividade. As novelas obedecem a um estrito processo de produção, dominado pela “produtividade”: assistimos a “mesma” novela contada muitas e muitas vezes com algumas variações. (ibidem, p. 38)

Da mesma forma, segundo o exemplo da autora em relação à mídia, acontece com o discurso do dízimo no cristianismo, pois se trata de um mesmo dizer enunciado de formas diferentes, dado pelo processo de produtividade, toda vez retomando a memória discursiva.

Nesse sentido é essencial compreender o surgimento e ascensão do neopentecostalismo no Brasil, pois de todas as vertentes da religião cristã, é nessa que o discurso reforçando a entrega do dízimo é propalado com maior fervor. No que se trata de história mundial do protestantismo, David Martin (1990 apud MARIANO, 2005, p. 28) classifica em três grandes grupos: o puritano, metodista e pentecostal. O pentecostalismo, conforme Mariano (2005), pode ser dividido em três ondas no Brasil,

a primeira onda se inicia mais ou menos em 1910 como a chegada da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus, a segunda onda acontece mais ou menos entre 1950 e 1960, período em que essas grandes denominações<sup>13</sup> se fragmentam e se subdividem em dezenas de outros pequenos grupos.

A diferença entre o pentecostalismo e demais vertentes da religião cristã está centrada nas doutrinas. As vertentes pentecostais partilham de um mesmo núcleo, que seria a prática dos dons do Espírito, que incluem dons de línguas estranhas, línguas estrangeiras, clarividência por revelações em sonhos ou visões, curas e milagres, consoante ao fenômeno sobrenatural ocorrido no período de Pentecostes<sup>14</sup> narrado no novo testamento em Atos dos Apóstolos:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. (BÍBLIA, Atos 2, 1-4)

Com base nisso, surge a doutrina<sup>15</sup> da prática dos “dons do espírito” e o termo “pentecostal” que designa a vertente. Lembrando que o termo pentecostes para a religião evangélica é entendido conforme o costume judeu, como mencionamos anteriormente, e o novo sentido que adquiriu depois que algumas igrejas evangélicas<sup>16</sup> começaram a incluir o “Pentecostes” como uma prática ritualística de seus cultos religiosos.

Além dessa prática, essa vertente evangélica possui a crença de que além do batismo nas águas, é necessário o “batismo com fogo santo”, assim como aconteceu com as pessoas que testemunharam o dia de “Pentecostes”, como relatado na Bíblia.

---

<sup>13</sup> Nesse trabalho utilizaremos com frequência o termo “denominação” para nos referirmos às igrejas, pois, etimologicamente, na teologia significa cada uma das igrejas que compõem o cristianismo.

<sup>14</sup> “Pentecostes” vem do grego *pentēkosté*, que significa “quingentésimo”. A origem dessa festa é baseada em uma antiga tradição hebraica, chamada *Shavuoth*, que significa “Semanas”. Era uma celebração de agradecimento a Deus pela colheita realizada pelos judeus cinquenta dias após a Páscoa. A data também homenageia a memória do dia em que Moisés recebeu as Tábuas com as Leis Sagradas, conhecidas por *Torah*. Essa festa reunia em Jerusalém multidões de judeus vindos de vários países. Contudo, as igrejas denominadas pentecostais ou neopentecostais são chamadas assim porque durante seus cultos pratica o que chamam de “dons do espírito”, como falar em língua estranhas, incorporar “espíritos das trevas”, curas milagrosas e clarividência por meio de revelações divinas. Disponível em <http://ipametodista.edu.br/o-pentecostes>. Acesso em: nov. 2021

<sup>15</sup> Significado do termo doutrina: conjunto coerente de ideias fundamentais a serem transmitidas, ensinadas ou conjunto das ideias básicas contidas num sistema filosófico, político, religioso, econômico etc. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/> Acesso em: nov. de 2022.

<sup>16</sup> Destaca-se a frase “algumas igrejas evangélicas”, pois não são todos as igrejas evangélicas ou protestantes que adotaram essa prática em seus cultos. Essas denominações que não aplicam esses rituais são no geral, consideradas *tradicionais*, salvo possíveis exceções.

A respeito do “batismo com fogo santo”, para que o fiel obtenha esse segundo é necessário que o Espírito Santo se manifeste nele através de alguma prática dos “dons do espírito”, somente após essa manifestação espiritual que os fiéis se certificam que foram “batizados no fogo”, conforme a doutrina<sup>17</sup>.

Contextualizando, a partir de 1960, inicia-se a segunda onda, devido à fragmentação do movimento em grupos menores. Nessa efusão de novas denominações surgem a Quadrangular (1951), a Brasil para Cristo (1955) e Deus é amor (1980). A terceira onda inicia-se em 1980 com o surgimento de Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus. Cabe enfatizar que o pentecostalismo *clássico* prevalece entre 1910 e 1950 até sua disseminação em território nacional. Conforme Mariano (2005, p. 29), esse segmento agrupava:

[...] majoritariamente [...] pessoas pobres e de pouca escolaridade, discriminadas por protestantes históricos e perseguidas pela Igreja Católica, [...] caracterizam-se por um ferrenho anticolonialismo por enfatizar o dom de língua, a crença da volta iminente de Cristo e na Salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior. Hoje seu perfil social mudou parcialmente. Embora continuem a abrigar sobretudo as camadas pobres e pouco escolarizadas.

Nesse sentido, a ênfase à cura divina foi um dos fatores que impulsionou e intensificou a disseminação no pentecostalismo brasileiro. Mariano (2005) pontua que a ênfase teológica à cura divina não ocorreu somente no Brasil, mas teve proporções continentais. Constata-se também que esse discurso “sedutor” foi promovido pelo movimento de “cura em massa” propagado pela mídia de maior alcance na época, o rádio. Todavia, algumas denominações se mostraram e ainda se mostram relutantes até os dias de hoje em relação à inclusão das mídias na propagação das suas doutrinas, devido à demonização do uso do rádio e de demais mídias.

Por conseguinte, a terceira onda inicia-se em meados dos anos 1970, e foi oriunda de inovações evangelísticas e da efusão doutrinária de ondas anteriores, a qual denominamos neopentecostalismo. O prefixo *neo* no termo da vertente já sugere seu caráter contemporâneo e recente. A classificação das denominações em pentecostais clássicas ou neopentecostais pode divergir de autor para autor. No entanto, todos entram em consenso quando se referem a Igreja Universal do Reino de Deus, pois é “O surgimento dessa igreja que justifica a criação de suas tipologias” (MARIANO, 2005, p. 34).

---

<sup>17</sup> Esses dados doutrinários foram descritos a partir da observação da vivência cotidiana da autora desta pesquisa.

Dentre as características do neopentecostalismo, as principais, conforme destaca Mariano (2005), são: a oposição às religiões afro-brasileiras, tendência a intolerância, estímulo a expressividade emocional, exorcismo, a utilização dos meio de comunicação em massa (que hoje abrangem TV, rádio, jornais e principalmente a internet, por meio das redes sociais), as técnicas de *marketing*, os milagres, as curas, o apelo ao dízimo e o culto ao sobrenatural, e o sincretismo que, na mesma perspectiva do dízimo, se trata da incorporação de estratégias de *marketing* que “retiram dinheiro do fiéis ao colocar “no mercado religioso serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento”, que, conforme Oro (1992 *apud* MARIANO, 2005, p. 35), ironicamente, é muito semelhante ao conceito de indulgência<sup>18</sup> praticado na Europa na Idade Média.

Cabe mencionar que na vertente neopentecostal existe um enfoque muito grande em relação à entrega do dízimo. A abordagem mais comum feita por essas denominações é o uso do trecho de Malaquias capítulo três<sup>19</sup>, conforme Vieira e Reis (2018). Assim, há grande ironia ao pensarmos que as instituições que se consideram “seguidoras de Cristo” empregam um discurso que vai completamente na contramão do discurso de Cristo.

Nesse sentido, em sua formação histórica, a Igreja ocupou uma importante posição enquanto aparelho ideológico do Estado.

[...] no período histórico pré-capitalista, que examinamos a traços largos, é absolutamente evidente que existia um Aparelho Ideológico de Estado dominante, a Igreja, que concentrava não só as funções religiosas, mas também escolares, e uma boa parte das funções de informação e de cultura. (ALTHUSSER, 1970, p. 58).

---

<sup>18</sup> Indulgência significa remissão total ou parcial das penas temporais cabíveis para pecados cometidos, que a Igreja concede após terem sido perdoados. No período medieval mediante pagamento. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/> Acesso em nov.de 2022.

<sup>19</sup> Cf. Malaquias Cap. 3, 1-8 disponível em: <https://bo.net.br/pt/ntlh/malaquias/3/> Acesso em: nov. de 2022

### 3 ALGUNS PRINCÍPIOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

#### 3.1 Condições de produção e interdiscurso

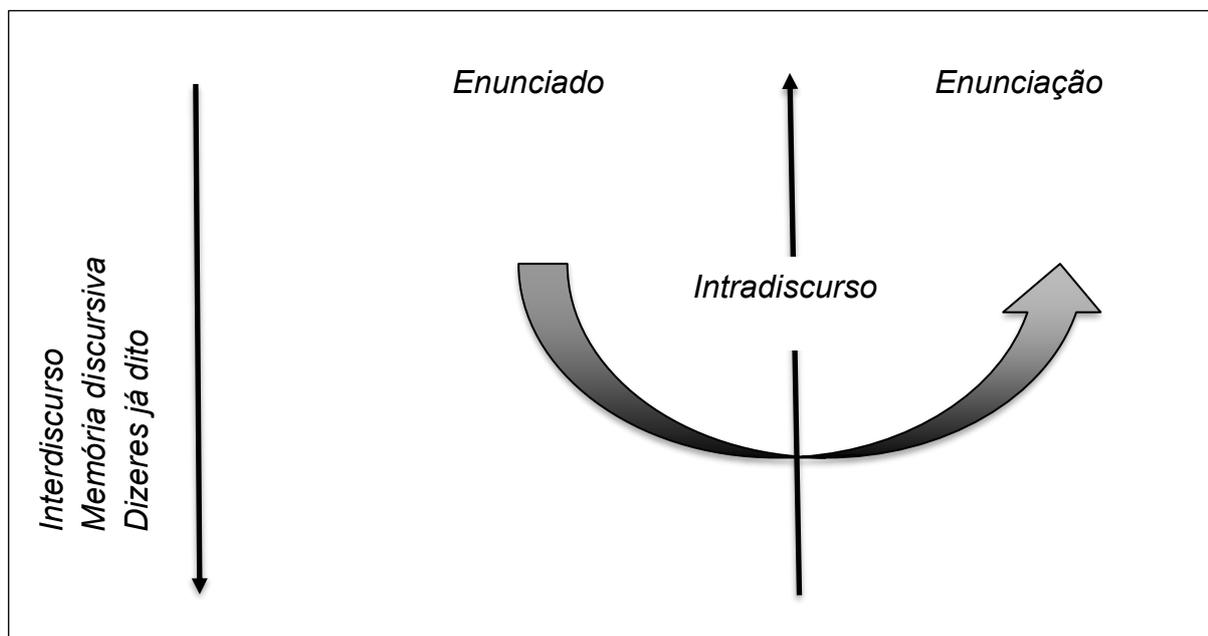
As condições do discurso compreendem os sujeitos, a situação e a memória “a maneira com que ela é “acionada” faz valer as condições de produção” (ORLANDI, 2013, p. 30). Essas condições de produção incluem, contexto imediato e de forma mais generalizada, o contexto histórico e ideológico. “O interdiscurso é definido como aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva”. (ORLANDI, 2013, p. 30).

A memória discursiva descreve que todo saber já foi dito antes, “[...] o já dito na base do dizível sustentando cada palavra tomada [...]” (ORLANDI, 2013, p. 31). Isso quer dizer que praticamente tudo que já dissemos em um dado momento já foi dito anteriormente por outrem.

Por isso, o dizer não é de responsabilidade do sujeito, ele significa pela língua e pela história (ORLANDI, 2013). É interessante observar que nosso mecanismo de linguagem nos faça pensar que os discursos estão surgindo voluntariamente de nós mesmos, mas na verdade estamos retomando dizeres já ditos antes, estamos apenas reformulando as mesmas ideologias em um novo arranjo.

Disso se deduz que há uma relação entre o já e o que está se dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do seu sentido e sua formulação. (ORLANDI, p.31, 2013)

Em outras palavras, o interdiscurso são os dizeres que se movem em uma espiral, enquanto o intradiscurso é o acesso seu a esses dizeres durante a enunciação. Ressaltando que esse processo não acontece de forma consciente. Observe a imagem abaixo.

Figura 1<sup>20</sup>.

Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – esquecidos- em uma estratificação de enunciados que em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. (ORLANDI, 2013, p. 33).

“O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. (ORLANDI, 2013, p. 33). Assim sendo, todo discurso é constituído por memórias inconscientes que permeiam a fala, ou seja, são “[...] discursos que já foram realizados em outro contexto sócio-histórico.” (RODRIGUES, s.d., p.2050).

Logo, podemos dizer que isso significa que o sujeito tem a falsa impressão de que tem a autoria de seu discurso, no entanto esse discurso passou por vários processos de apagamento em “[...] que não é possível detectar a origem de um dizer.” (RODRIGUES, s.d., p. 2050).

Outro fator para as condições de produção é a *relação de sentidos*. A relação de sentidos se baseia no pensamento de que não existem discursos que não se

<sup>20</sup> Fonte de ilustração: a autora.

relacionam com outros. Isso significa que um discurso se sustenta em dizeres já proferidos e outros subsequentes.

Desse modo, todo discurso é função de processos contínuos e amplos. Logo é impossível determinar um começo absoluto ou um final para o discurso. Um dizer se relaciona com outros dizeres já feitos ou até mesmo imaginados.

Em contrapartida todo sujeito tem a capacidade de colocar-se no lugar do seu interlocutor, aquele que “ouve” suas palavras. Essa afirmação contraria o ditado popular de senso comum: “eu só sou responsável pelo que eu falo, não pelo que você interpreta.”, isso significa que o locutor tem a capacidade de antecipar o sentido que suas palavras podem provocar em seu interlocutor, essa é uma condição de produção chamada de *Antecipação*.

Outra noção constituinte das condições de produção é a *relação de forças*. A relação de forças diz respeito ao lugar do sujeito. De acordo com Orlandi (2013) o lugar a partir do qual sujeito fala implica na forma com que seu interlocutor “ouve”. Por exemplo, o pastor ocupa um lugar de fala que faz com que seu dizer transmita autoridade para seus fiéis, dessa maneira reforça sua posição. Lembrando que essa relação pode acontecer em diversos ambientes, como na escola, no trabalho, no consultório médico, entre outros.

Dito isso, esses mecanismos do discurso formam um conjunto chamado de *formação imaginária*. É importante ressaltar que há diferença entre lugar e posição. Lugar do sujeito se trata de lugar empírico, tal qual pode ser descrito sociologicamente, enquanto a posição de sujeito se assenta na projeção discursiva. Orlandi (2013, p. 40) afirma que são essas projeções “[...] que permitem passar das situações empíricas – lugares do sujeito – para as posições dos sujeitos no discurso.”

Em toda a língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (saber discursivo, o já-dito).” (ORLANDI, 2013, p. 40).

A formação imaginária fornece imagens do sujeito e do objeto do discurso dentro de um contexto sócio-histórico. Dessa forma obtemos uma imagem da posição do sujeito locutor (quem sou eu para lhe fale assim?), bem como do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim?) e do objetivo do discurso (do que estou lhe falando? do que ele me fala?), como exemplifica Orlandi (2013).

É esse jogo imaginário que sustenta e movimenta o discurso. A análise pode ficar ainda mais complexa se levarmos em consideração outros princípios como a antecipação, o modo como os sujeitos desse processo discursivo se relaciona e percebe os outros sujeitos envolvidos nessa atividade, o objeto de discurso e assim suscetivelmente.

Todos esses aspectos subsidiam as condições de produção de discurso. “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem” (ORLANDI, 2013, p. 42). O imaginário não é princípio incoerente, pois tem sua base consolidada nos desdobramentos históricos e sociais em uma sociedade como a nossa, cujas interações decorrem das relações de poder.

Embora o conceito das condições de produção tenha sido apresentado nesse trabalho a partir dos textos de Orlandi, observa-se que esse é um conceito que foi elaborado por Pêcheux e que se encontra no livro “Análise Automática do Discurso. No Brasil foi traduzido como um capítulo do livro “Por uma análise automática do discurso” organizado por Françoise Gadet e Tony Hak e traduzido por Bethania Mariani et al.

### 3.2 Esquecimentos

Existem duas formas de esquecimento para Pêcheux, o esquecimento número um e o esquecimento número dois. O esquecimento dois está a nível de enunciação, isso quer dizer, por exemplo que quando enunciamos “vote sem medo” temos consciência que tínhamos a opção de dizer “vote com coragem”, pois nesse processo vai se criando um acervo de paráfrases (famílias parafrásticas).

Portanto esse esquecimento causa a sensação de liberdade do pensamento, pois, conforme Orlandi (2013), isso nos faz pensar que há uma relação direta entre pensamento em linguagem, de forma que pensamos que existe apenas uma possibilidade do dizer a ser dito, esse processo é chamado de ilusão referencial.

Orlandi (2013) também denomina a ação desse esquecimento como semiconsciente, pois no processo de enunciação às vezes podemos recorrer às

famílias parafrásticas para elaborar o dizer na intenção de melhor especificar o que dizemos. Esse processo não deixa de ser uma ilusão referencial, e é chamado de semiconsciente porque ainda assim afeta os sentidos.

O outro esquecimento, o número um, é o esquecimento ideológico. Se trata do modo como as ideologias afetam o nosso dizer. Nesse tipo de esquecimento, tendemos a pensar que nós somos a origem do que dizemos, e que estamos produzindo novas ideologias, mas, na verdade, estamos retomando dizeres já existentes.

Isso muito tem a ver com o sonho, “o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas exatamente o queremos” (ORLANDI, 2013, p. 35).

O esquecimento é estruturante em nós, ou seja, é parte constituinte dos sujeitos. Isso significa que a ilusão não é um defeito, e sim algo involuntário. É essa ilusão de originalidade que constitui sentidos ao sujeito, retomando o mesmo de várias maneiras. “Sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo, sempre outras” (ORLANDI, 2013, p. 36).

### 3.3 Paráfrase e Polissemia

Com destaque maior a esse subcapítulo, pois são esses dois princípios da Análise do Discurso que intitulam esse trabalho, isso porque todo discurso se dá na tensão entre esses dois processos. Os processos parafrásticos agem na manutenção do dizer, pelo qual todo dizer sempre retorna para o mesmo.

Paráfrase significa retorno de dizeres ao mesmo espaço, a paráfrase portanto está para a estabilização enquanto a polissemia está para a ruptura dos processos de significação. “Ela joga com o equívoco.” (ORLANDI, 2013, p. 36).

Segundo Orlandi (2013, p. 36), “[...] todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente.” Para transformação e movimento de sentido e sujeito, a língua está sujeita a falhas, pois é suscetível a possibilidade de equívoco ideológico ininterruptos.

A paráfrase e a polissemia são circunstâncias necessárias para a existência de sujeitos e sentidos. Nessa perspectiva, Orlandi (2013, p. 37) diz que:

[...] os sentidos e sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Dependem de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia.

Dessa forma, o processo parafrástico e polissêmico se distingue nos seguintes estados, o da produtividade e o da criatividade. A produtividade reitera dizeres já ditos, se trata do constante retorno ao mesmo, criando assim *variedade do mesmo*, e se relaciona à paráfrase. Já a criatividade está relacionada à polissemia, pois a criatividade rompe com o processo de produtividade, ela manifesta-se na expressão do diferente e modifica os sentidos e o sujeito a partir da história e da língua, em outras palavras “Irrompem assim sentidos diferentes” (ORLANDI, 2013, p. 37).

Portanto, a criatividade é um processo de sentidos que acontece com bem menor frequência em vista da produtividade. Um exemplo muito corriqueiro de produtividade é a novela televisiva; as novelas geralmente se repetem e repetem ao longo do tempo, pois são contados os mesmos dizeres inúmeras vezes, são produzidas várias versões do mesmo com apenas algumas poucas alterações. Orlandi (2012, p. 38) explica que “[...] para haver criatividade é necessário que se ponha em conflito o já produzido e o que se vai instituir”. Isso significa que a criatividade agrega sentido ao novo.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Esta análise tem por objetivo refletir a respeito da enunciação de sujeitos, que, embora sejam de denominações religiosas diferentes, partilham de um interesse em comum. Nesse capítulo, realizaremos uma análise das enunciações dos pastores Edir Macedo e Valdemiro Santiago, buscando observar os principais aspectos do discurso encontrados nas dizes dos sujeitos. Esses aspectos são: esquecimento, paráfrase, interdiscurso, formações imaginárias e antecipações.

Para tal, a análise será feita a partir dos princípios e procedimentos da análise do discurso, nesse sentido em um primeiro momento após a transcrição dos dados trabalhamos na dessuperficialização<sup>21</sup> do material bruto. Esse processo se deu pela análise das condições da produção das enunciações, ou seja, consideramos quem são os sujeitos do processo discursivo e em que circunstâncias esses processos discursivos ocorreram.

Os dois vídeos foram coletados na plataforma *YouTube*, sendo que o critério para escolha dos vídeos era de que os sujeitos locutores fossem líderes religiosos brasileiros do segmento neopentecostal.

Na segunda etapa, procuramos evidenciar principalmente formações imaginárias que permeiam as enunciações, nesse sentido o que nos permitiu tal análise foi o recurso metodológico da interpretação que a AD nos fornece.

Dessa maneira a análise foi organizada em apenas duas subseções, a primeira delas “*Os dizimistas na realidade quando pagam o dízimo [...] têm o direito de cobrar de deus*”, tratando do discurso da prosperidade, o toma-lá-dá-cá. A segunda subseção intitula-se “*Se você gasta os primeiros dez por cento de deus consigo você vai ser tão ladrão quanto aquele que não paga o dízimo*”. As duas subseções foram intituladas a partir de falas dos próprios líderes religiosos. Ambos subtítulos oferecerem uma prévia do conteúdo das enunciações.

Nessa etapa da pesquisa, após ultrapassarmos a superfície do discurso, pudemos transportar a pesquisa do aspecto empírico, que pode ser descrito sociologicamente, para um nível em que análise dos dados supera as barreiras do

---

<sup>21</sup> dessuperficialização é o que, nos termos de Orlandi (2012a), pode ser concebido como a passagem das formas abstrata e empírica para considerar a forma material.

que é dito e acessa a constituição ideológica da memória dos sujeitos no processo discursivo.

#### 4.2 OS DIZIMISTAS NA REALIDADE QUANDO PAGAM O DIZÍMO [...] TÊM O DIREITO DE COBRAR DEUS

Sabendo alguns dados biográficos dos sujeitos<sup>22</sup> podemos iniciar nossa análise. Usou-se para a análise excertos da enunciação e não enunciação completa, então, para uma melhor compreensão, recomendamos a leitura das falas na íntegra localizadas no **APENDICÊ A** e **APENDICÊ B** ou a visualização dos vídeos.

##### **EXCERTO 1 – EDIR MACEDO**

O que que significam os dízimos?... **condição que deus EXIGE...** para que nós nos voltemos para ele... é isso mesmo... (grifo nosso)

##### **EXCERTO 2 – EDIR MACEDO**

o dízimo são as premissas...**ANTES da lei Moisés/ ANTES da lei de Moisés já HÁVIA a lei dos dízimos/** a consciência do dízimo/ **Abraão pagou o dízimo a deus...a deus/ pagou o dízimo a Melquisedeque...** e QUANDO **Adão e Eva tocaram naquela ÁRVORE/ naquele fruto daquela ÁRVORE no jardim do Éden... ELES TOCARAM no DIZÍMO de deus.../ eles tocaram naquilo que NÃO lhes** pertencia... (grifo nosso)

Primeiramente, é necessário ressaltar as relações de força contidas nas enunciações destes excertos. Embora aparentemente só exista um sujeito, na verdade existem sujeito e Sujeito (com destaque da letra maiúscula), esse outro Sujeito permeia o discurso do sujeito (com letra minúscula), pois o pastor ocupa uma posição discursiva em que sua palavra transmite a verdade, pois ele é o portador da voz de deus; “e quem se atreveria a discordar de Deus?”.

---

<sup>22</sup> Cf. Os dados biográficos dos sujeitos encontram-se na metodologia da pesquisa, no capítulo CONSTRUINDO A PESQUISA.

Macedo é o mediador e na instituição religiosa ele é a pessoa autorizada a ler a Bíblia de um determinado jeito, que por exemplo, os fiéis não têm essa mesma autorização, portanto se trata de uma divisão mesmo.

É preciso evidenciar a seguinte frase: **deus exige que nós apresentemos os dízimos**.... Quando o enunciador diz deus exige, ele acaba por se posicionar como sujeito mensageiro de deus, ao mesmo tempo dizendo que está falando por deus, sujeito B é igual a Sujeito A, e seu inverso. Isso quer dizer que essa relação entre sujeitos desperta o sentido no interlocutor de que o sujeito efêmero que habita o plano mortal tem voz de autoridade em seus dizeres, pois são os mesmos dizeres do Sujeito eterno que habita o plano espiritual, sendo assim é como se suas vozes se permeassem e se entrelaçassem.

O uso do pronome nós evoca no interlocutor o sentido que de fato o pastor é um mensageiro da palavra de deus (e não o próprio deus), pois ele se inclui ao grupo de fiéis ao enunciar seu objeto de discurso. Nesse sentido, o “nós” foi proferido a partir de uma antecipação, pois o pastor antecipa-se o em relação ao fiel quanto ao sentido que sua enunciação pode vir a causar.

O intuito do “nós” na frase é produzir um efeito de sentido do tipo “eu (pastor) também tenho a obrigação de pagar o dízimo porque eu sou como você”. Essa enunciação pode conseqüentemente causar um efeito de reação no fiel que ele pode se deparar com a seguinte compreensão: “se um homem de deus, escolhido por deus para ser seu porta voz, cumpre com seu dever; quem dirá eu? Isso é o mínimo que posso fazer”.

#### EXCERTO 2 – Edir Macedo

**deus EXIGE/ EXIGE que nós apresentemos os dízimos...como porta de entrada para o trono de deus... se você não sabia disso fique sabendo (grifo nosso)**

Ao dizer que deus exige que apresentemos o dízimo como “**porta de entrada para o céu...**” o locutor evoca o sentido ao fiel de que o dízimo é tão importante ao ponto de impedir ele tenha acesso a porta de entrada do céu, caso ele não seja fiel ao pagamento”.

É relevante explorar a frase “**porta de entrada para o céu...**”, porta de entrada pode remeter ao interlocutor a ideia de oportunidade, é comum no dia-a-dia utilizarmos

expressões metafóricas como porta, porta aberta, porta de entrada para expressar oportunidades, possibilidade, recompensa.

A palavra **céu** no imaginário cristão significa o próprio lugar de Deus, é um lugar transcendental.

Por isso, essa expressão como um todo passa a significar o mesmo que oportunidade de ir para o céu e habitar no lugar divino. São essas memórias que o locutor evoca no membro religioso é bom exemplo do *interdiscurso*, pois essas memórias dialogam com discursos já existentes.

Esse discurso dialoga com o discurso católico sobre céu, inferno e purgatório. Esse é um discurso que existente desde o período medieval e que até hoje atua no imaginário católico.

O discurso religioso proferido sobre o inferno apresenta esse local como um espaço de arrependimento em que a almas sofrem de arrependimento eterno. Para ilustrar tal a presença da imagem do fogo se fez muito presente. Sendo o céu como um espaço de gozo eterno e plenitude.

Com algumas alterações e com menos ênfase esse discurso ainda se manteve no protestantismo “convencional”<sup>23</sup>. Contudo no movimento protestante pentecostal/neopentecostal a dicotomia entre céu e inferno ganha lugar de destaque novamente conforme observamos.

### EXCERTO 3 – EDIR MACEDO

o dízimo são as premissas...ANTES da lei Moisés/ ANTES da lei de Moisés já HÁVIA a lei dos dízimos/ a consciência do dízimo/ Abraão pagou o dízimo a deus...a deus/ pagou o dízimo a Melquisedeque... e QUANDO Adão e Eva tocaram naquela ÁRVORE/ naquele fruto daquela ÁRVORE no jardim do Éden... ELES TOCARAM no DIZÍMO de deus.../ eles tocaram naquilo que NÃO lhes pertencia... (grifo nosso)

No excerto três, o pastor faz uma referência ao trecho bíblico sobre o pecado de Adão e Eva ao terem comido o fruto proibido (BÍBLIA, Gênesis, 3, 1-24) para explicar o pecado original, no entanto é possível utilizar as mesmas palavras do texto

---

<sup>23</sup> Com protestantismo “convencional” queremos nos referir ao movimento em suas vertentes mais antigas como o luteranismo, calvinismo e anglicanismo.

bíblico, mas agregando sentidos completamente diferente do sentido da primeira situação.

O que faz com que mesmas palavras se reconfigurem em um sentido diferente. Essa reconfiguração de sentidos é chamada, metáfora. A metáfora está presente em todos os discursos, pois, de acordo com Orlandi (2013). Não há sentido em nenhum discurso sem a metáfora; por isso seria uma obviedade dizer que no excerto em discussão existem metáforas.

A partir desse excerto **“Adão e Eva tocaram naquela ÁRVORE/ naquele fruto daquela ÁRVORE no jardim do Éden... ELES TOCARAM no DÍZIMO de deus...”**, nesse caso o locutor estranhamente ressignifica a palavra “dízimo” para as palavras “fruto do bem e do mal”. Desse modo, poderíamos interpretar que o interlocutor associa o não pagamento do dízimo ao pecado original, portanto aquele que não paga é pecador.

Nas seguintes passagens **“ANTES da lei Moisés/ ANTES da lei de Moisés já HÁVIA a lei dos dízimos”** e **“Abraão pagou o dízimo a deus...a deus/ pagou o dízimo a Melquisedeque<sup>24</sup>”**, o locutor desconsidera a entrega das ofertas espontâneas por meio da graça, conforme a doutrina do evangelho e busca dar sentido ao discurso de obrigatoriedade do dízimo justificando que o dízimo é uma prática desde de antes de Moisés. Dessa maneira, reforça-se a incorporação de tradições e leis judaicas ao cristianismo neopentecostal através do princípio da *paráfrase* que trabalha em favor da estabilização e perpetuação do discurso, como descrito por Vieira e Reis (2013, p. 15).

Por isso, observamos que há uma “edição” do discurso religioso, em que o pastor seleciona das escrituras denominadas sagradas trechos que validam e legitimam sua fala. Enquanto outros trechos são silenciados. Vale acrescentar que os trechos validados são (coincidentalmente ou não) os do velho testamento. E por exemplo não há nenhuma menção ao novo testamento<sup>25</sup>.

No decorrer do tempo, essa prática foi adquirindo forma, caráter próprio e políticas de ação tão eficientes que para interpelar “o sujeito de fé”, para fiel a fala do

---

<sup>24</sup> Cf. Capítulo 2, subcapítulo 2.1 desta pesquisa.

<sup>25</sup> Tal análise tem que ver com o silêncio constitutivo. Definição de Orlandi (2013, p.24) : “[o] silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras);”

pastor é incontestavelmente verdadeira, pois se fundamenta na Bíblia, sem falar da eloquência dos discursos, como explicam Vieira e Reis (2018).

O locutor desde o princípio estabelece pontes entre o objeto de discurso (dízimo) e situações bíblicas em que “homens de deus” tiveram que pagar alguma coisa com seus bens. Dessa forma o locutor cria uma justificativa para essa prática. Por isso, a prática do dízimo é compreendida pelo neopentecostalismo como um argumento de autoridade incontestável, uma vez que está na Bíblia, embora esteja no velho testamento (torá).

Portanto a reversibilidade dialógica nesse contexto é praticamente nula, pois se a lei do dízimo é uma prática incontestável, então qualquer dissonância é descartada como argumento inválido.

#### EXCERTO 4 – Edir Macedo

bispo? porque deus tem nos dízimos algo TÃO importante? Porque o dízimo **REPRESENTA FIDELIDADE... NINGUÉM JAMAIS em SÃ CONSCIÊNCIA é capaz de pagar o dízimo/ de tirar os PRIMEIROS dez por cento e trazer na casa de deus se NÃO tiver fé na existência de deus/** é verdade ou, não é (grifo nosso)

#### EXCERTO 5 – Edir Macedo

você acha que um incrédulo paga dízimo? Ele acha um absurdo... **MESMOS esses cristãos de papel... tão pouco... têm essa fé de pagar dízimo porque acham um absurdo/ já me desconta tanto do meu salário/** (grifo nosso)

Na primeira passagem do excerto quatro, a partir da enunciação “**o dízimo representa FIDELIDADE**” observamos que a palavra fidelidade está colocada ali para estabelecer o processo discursivo. Pois a palavra “fidelidade” pode reiterar vários sentidos ideológicos. Nesse caso, fidelidade em seu sentido etimológico significa uma atitude de quem é fiel, de quem tem compromisso com aquilo que assume. É uma característica daquele que é leal, que é confiável, honesto e verdadeiro, é um termo com origem no latim *fidelis*<sup>26</sup>. No sentido religioso, a palavra fidelidade representa que

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.significados.com.br/fidelidade/> acesso em nov. de2022

deus não abandona seus filhos e deus também espera que seus filhos expressem fidelidade a ele. Esses são apenas dois dos vários sentidos que esta palavra pode trazer.

Após essa breve definição que o locutor faz sobre o dízimo, ele expressa um aspecto de formação imaginária quando diz **“NINGUÉM JAMAIS em SÃ CONSCIÊNCIA é capaz de pagar o dízimo/ de tirar os PRIMEIROS dez por cento e trazer na casa de deus se NÃO ti-ver fé na existência de deus”**. Quando ele diz que **“ninguém jamais em sã consciência”** pagaria o dízimo, ele está se referindo às pessoas que não têm fé na existência de deus porque estão em “sã consciência”, ou seja, estão levando como base da sua consciência a lógica e não a fé.

Dessa forma, o sujeito locutor provoca no fiel o sentido de que só não paga o dízimo aquele que *NÃO TEM* fé na existência de deus, ou seja, o sujeito locutor está, automaticamente, dizendo que quem *TEM* fé na existência de deus, paga o dízimo; logo aquele que não paga o dízimo está dando a não-prova de sua fé. Isso é, não pagar é provar que não tem fé.

Dessa maneira provoca no fiel a sensação de perda, pois o interlocutor pode pensar que não estar sendo um cristão conforme os mandamentos da Bíblia e que por isso pode ser de alguma forma punido por Deus, seja perdendo as bençãos no plano terrestre, ou até mesmo indo para o inferno.

No excerto seguinte, o locutor faz uma comparação em que coloca o “incrédulo” no mesmo nível **“cristão de papel”**, portanto os iguala. Obviamente que essa enunciação provocará um sentido desagradável de infidelidade no sujeito que se posiciona como **“sujeito de fé”** (fiel, cristão), isto é, aquele cuja posição discursiva se distingue pelo seu caráter honroso em sua missão, em mostrar lealdade e fidelidade ao Sujeito divino (deus), e ao sujeito porta-voz da mensagem (pastor), caso ele não esteja cumprindo com o dever do dízimo.

Nesse sentido, podemos inferir que o locutor sabe que essa enunciação, naturalmente, causará a sensação de urgência no fiel que não quer ser igualado, colocado no mesmo nível do incrédulo ou do “cristão de papel”.

Em consequência disso, percebemos que o sujeito locutor prevê o sentido que sua enunciação pode provocar em seu interlocutor, pois segundo Orlandi (2013, p. 39) “Ele antecipa-se assim ao seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem” sendo o efeito negativo ou positivo”. Ou seja, no momento em que o locutor coloca seu interlocutor não-pagante do dízimo ao mesmo nível do ímpio, ao chamá-lo

de “cristão de papel”, ele antecipa o sentimento de consternação que o membro religioso sentirá ao ter sua posição como fiel questionada e colocada em risco.

**EXCERTO 6** – Edir Macedo

**ABRÃO ABRÃO foi feito a BENÇÃO**/ a própria benção... quer dizer/ a autoridade de deus aqui na terra.../ quando você é dizimista você tem a AUTORIDADE para fazer negócios lícitos corretos legais.../ você fazer em nome de deus... e **você será próspero/ abençoado porque você é um dizimista**/ você é um consagrado a deus.../ (grifo nosso)

O locutor defende que quem paga dízimo tem AUTORIDADE para fazer negócios lícitos em nome de Deus. Ele defende essa afirmação utilizando o exemplo de Abraão, que, como vimos anteriormente, pagou os espólios (dízimo) de uma guerra vencida ao sacerdote Melquisedeque.

Podemos inferir que ao dizer “você será próspero/ abençoado porque você é um dizimista” ele acaba por dizer aquilo que os sujeitos fiéis gostariam de ouvir, ou seja, novamente ele antecipa sua argumentação ao enunciá-la de forma ciente.

**EXCERTO 7** – Edir Macedo

Os dizimistas na realidade quando pagam o dízimo/ quando são fiéis a deus/ eles se IDENTIFICAM diante de deus como o próprio dízimo/ **por isso eles têm o direito de COBRAR de DEUS o que ele prometeu e POR ISSO deus fala na sua palavra/ PROVAI-ME se eu não vos abrir a janela dos céus e derramar sobre vós benção SEM medida**/ (grifo nosso)

No excerto sete, podemos notar como o sujeito locutor está obstinado a justificar a prática do dízimo mencionando os benefícios que essa ação pode gerar ao fiel. O locutor faz isso por meio do uso de expressões metafóricas como “**abrir a janela dos céus**” e “**derramar sobre vós bênçãos SEM medida**”. Cria-se a imagem de que o Sujeito divino (deus) ao receber a prova de fidelidade torna o sujeito da fé (fiel) apto a receber todas as benções. Em outras palavras, tal enunciação aproxima

a figura do sujeito deus a figura de um deus mercador, dessa forma convertendo o cristianismo a um comércio.

O verbo derramar traz à tona sentido de abundância de algo, nesse contexto, de bênçãos. Já a expressão sem medida pode ter o sentido de algo sem limite; o locutor poderia ter utilizado o termo inesgotável, no entanto sua escolha em usar o termo SEM pode estar muito ligada a intenção de dar ênfase a sentido de que as bênçãos serão sem fim em um vocabulário mais acessível aos interlocutores.

Essas duas expressões, somadas a palavra bênção podem despertar nos fiéis o sentido de esperança de que seus problemas ou desejos mais íntimos possam ser solucionados ou realizados, ou seja, essa enunciação remonta dizeres já-ditos. Esse intenso retorno do locutor aos dizeres já-ditos constitui a memória discursiva. Esses são dizeres já-ditos que apoiam o locutor em sua afirmação, são as menções sobre as bênçãos concedidas pelo cumprimento da lei no antigo testamento da Bíblia<sup>27</sup>.

#### 4.4 “VOCE VAI SER TÃO LADRÃO QUANTO AQUELE QUE NÃO PAGA O DÍZIMO”

**EXCERTO 1** – Edir Macedo

**se você GASTA os primeiros dez por cento consigo/** recebeu o salário e pegou os NOVENTA por cento restante e trouxe na igreja... você vai ser **considerado TÃO ladrão quanto aquele que não paga o dízimo...** (grifo nosso)

**EXCERTO 2** – Valdemiro Santiago

**sujeito que toca no dízimo (ou seja) que rouba deus no dízimo...ele vai PERDER seus privilégios...**/ porque deus cerca o homem de privilégios...é verdade (isso)? (grifo nosso)

---

<sup>27</sup> Cf. Malaquias 3.10-12, disponível em: <https://oitavaigreja.com.br/bencaos-sobre-dizimistas-e-ofertantes/>

A partir desses excertos do Bispo Edir Macedo e do Apóstolo Valdemiro Santiago, percebemos nitidamente o funcionamento da paráfrase. Se observarmos com atenção notamos que o discurso de um sujeito é a paráfrase do outro.

Edir Macedo quando afirma que se um indivíduo gasta os noventa por cento de sua renda e somente depois “devolve” os dez por cento; faz uso da expressão “**TÃO ladrão quanto aquele que não paga o dízimo**”, enquanto Valdemiro Santiago usa a frase “**sujeito que rouba o dízimo vai perder seus privilégios**”. Repara-se que as duas frases apresentam o mesmo sentido, a associação de quem não paga dízimo a um ladrão ou bandido, no entanto, o que as diferencia é o eixo das escolhas de palavras.

### EXCERTO 3 – Valdemiro Santiago

vai começar a andar doente/ vai dar tudo errado na vida dele/ as portas vão se fechar... então você tem que devolver o dízimo a deus/ (grifo nosso)

A escolha pela sentença “as portas vão se fechar” é uma maneira de mascarar ou silenciar o discurso do medo, pois a partir disso, o fiel sabe que se não cumprir o requisito terá sua graça cessada e sofrerá todo tipo de má sorte vinda como punição divina.

Dessa maneira ambos locutores produzem mais variedade do mesmo e estabilizando o discurso, eles se parafraseiam, o que pode ser explicado porque seguem a mesma vertente.

Nesse sentido, podemos lançar a hipótese de que os sujeitos pastores da análise distorcem os dizeres sobre o dízimo nas escrituras. Se manipulam esse dizerem, o fazem de forma consciente.

Outro conceito importante a se destacar é o esquecimento número dois. Esse esquecimento, diferente do esquecimento ideológico, é esquecimento que está a nível de enunciação. Neste tipo de esquecimento que causa a sensação de que o que dizemos pode ser dito apenas de uma maneira. Segundo Orlandi (2013, p. 35) essa sensação é chamada de “[...] ilusão referencial, [que] nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento e a linguagem de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras”.

**EXCERTO 4** – Valdemiro Santiago

you não está fazendo VANTAGEM nenhuma devolvendo o dízimo ( )  
 de deus/ **isso aí é de deus**/ está pensando o que?/ você (bate no  
 peito) eu dei tanto de dízimo/ **you não deu NADA/ you DEVOLVEU**  
**o que é de deus.../ you quer dar/ tem que dar é do SEU/ dos seus**  
**noventa...** dez por cento é da obra/ é de deus/ e ele poderia pedir  
 noventa mas ele pediu dez.../ **pediu não né/ ele exigiu/ isso aí é**  
**exigir não é pedir também não...**/ ele pega pesado.../ ( )  
**amaldiçoado também/ele não está pedindo não/ ninguém vai**  
**amaldiçoar alguém por um pedido... é uma ordem/ é ordem/** (grifo  
 nosso)

**EXCERTO 5** – Edir Macedo

ELE MESMO/ DEUS disse outra vez vereis a diferença entre os que  
SERVEM a deus/ os dizimista e ofertantes e aqueles que não  
servem.../ não é só o ofertante não/ não é que/ você pode dar até  
 NOVENTA por cento de oferta mas se **you não é dizimista então**  
**you não está enquadrado...**/ você não está enquadrado dentro dos  
 dizimistas/ você tem que ser dizimista/ **OBRIGATORIAMENTE tem**  
**que ser dizimista/ se você quiser ser a própria bênção/ mas se**  
**you quiser receber a bênção seja ofertante/ o ofertante tem**  
**direito de receber a bênção...limitada claro/ mas o dizimista já tem**  
**as janelas abertas sobre a cabeça dele/ a vida dele/ por toda a**  
**vida/** (grifo nosso)

Esses excertos forma selecionados pois ambos denotam a obrigatoriedade do dízimo. Nessas passagens dos dois líderes religiosos, observamos algo em comum: as ideologias que fundamentam suas enunciações, o esquecimento um. Conforme descrevemos anteriormente, o dízimo surgiu no judaísmo, e somente muito mais tarde foi incorporado ao Cristianismo.

No excerto onze, o locutor argumenta o dever do dízimo com enunciações que podem representar perigo para a vida e para a alma do fiel, entre outros sentidos.

Quando o locutor menciona que deus não amaldiçoaria ninguém por um pedido, mas amaldiçoaria por descumprimento de uma regra, ele está automaticamente dizendo afirmativamente, em outras palavras, que aquele que não

cumprir com a regra do dízimo será maldiçoado. Portanto, podemos interpretar que o locutor organiza seu argumento para que seu interlocutor pague o dízimo impulsionado pelo medo. Essa argumentação baseada no efeito que pode gerar no interlocutor é resultado da antecipação.

Nesse sentido, cabe mencionar que o argumento de que a não entrega do dízimo poderia ocasionar a maldição do fiel é antagônico em relação ao “discurso de cristo”.

[...] há um discurso paradoxal, pois o Cristo dos quatro Evangelhos evidencia, nessas boas novas, a generosidade, a espontaneidade, o amor, a misericórdia, a compaixão com o necessitado, e não o amedrontamento por conta da não devolução. (VIEIRA; REIS, 2018, p. 17)

Através dos anos o termo dízimo foi ganhando diferentes significações, a ponto de que hoje, no neopentecostalismo, significa barganhar com Deus, “dar algo para receber algo em troca”, isto é, exprime um dos significados práticos. Esse é o sentido que o excerto doze traz, nesse sentido podemos nos arriscar a dizer que: essa enunciação é uma tentativa de convencer, por meio do medo, à obrigatoriedade do dízimo, pois ao dizer “mas o dizimista já tem as janelas abertas sobre a cabeça dele/ a vida dele/ por todo a vida” o locutor argumenta “segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.” (ORLANDI, 2013, p. 39)

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No presente trabalho procuramos apresentar o dízimo no escrituras como lei judaica, por isso procuramos apresentar o contexto de surgimento do dízimo, e depois a incorporação do dízimo ao Cristianismo em geral.

Como o trabalho é sobre o discurso *neopentecostal* sobre o dízimo, buscamos discutir as características principais que constituem mais especificamente o discurso religioso neopentecostal, pois existem muitas vertentes do Cristianismo e por esse motivo pensamos ser relevante fazer esse recorte para aprofundarmos a pesquisa.

Durante a realização deste estudo, percebemos que a formação do discurso religioso neopentecostal voltado ao dízimo é resultado de uma necessidade capitalista. Por esse motivo a relação de forças nesse contexto é bastante acentuada, pois, para que esse discurso funcione de forma que culmine na entrega do dízimo, é necessário que os sujeitos ocupem sua posição no discurso sabendo os limites de sua enunciação; o pastor diz a mensagem de Deus e o interlocutor “ouve” e acata. Sendo que o lugar de Deus enquanto sujeito discursivo é o divino, supremo, onisciente, onipotente, eterno, dentre outros adjetivos.

Nesse sentido, é preciso que os sujeitos do ato discursivo sejam cúmplices uns dos outros para que a finalidade do discurso seja alcançada. Nesse caso, devido à persuasão que discurso do dízimo tem sob o membro religioso, este se torna mais vítima do que cúmplice.

Desse modo, nesta pesquisa identificamos os três sujeitos do processo discursivo como sendo “Sujeito” divino (destaque a letra maiúscula), aquele que fala do plano espiritual, ser eterno, criador de todas as coisas, onipotente e onisciente. Posteriormente o sujeito mensageiro, líder religioso, mensageiro de deus na terra, escolhido por Deus para representar sua voz.

Enquanto o pastor transita entre o divino e o secular. É através do pasto que Deus fala. Ele é um membro secular, mas que tem privilégios, embora não seja Deus. Assim torna-se intermediário.

Por fim, temos o sujeito da fé ou sujeito ovelha, aquele que crê, fiel, aquele que ouve.

O estado discursivo determinado pela relação de forças nesse universo religioso é o autoritário, pois se o líder religioso (pastor) representa a voz de deus

então sua enunciação é de máxima autoridade e espiritualidade, portanto cabe ao mensageiro de deus falar e a ovelha ouvir, pois é sempre o pastor que diz quais os versículos que serão lidos e quais serão silenciados. Isso também quer dizer que o fiel não poder chegar na denominação, no espaço do culto desafiando o pastor a ler outros versículos.

É característico do discurso autoritário ter mínima reversibilidade, isso quer dizer alternância entre as vozes dos sujeitos. Como é de se esperar, detectamos reversibilidade praticamente nula nesse tipo de discurso. O discurso autoritário no contexto religioso se torna uma maneira eficiente de mascarar a verdade porque induz o fiel a acreditar que esse discurso não corre risco de estar equivocado.

Neste formato de discurso religioso, há um enfoque exacerbado na figura do pastor enquanto autoridade máxima determinada por deus. Nesse sentido, o pressuposto do cristianismo de que, após a morte e ressurreição de Cristo, a humanidade teria livre acesso a “Deus” por meio do “Filho” é descartado, e o líder religioso acaba por fazer esse entremeio entre homem e “Deus”.

O que supostamente deveria ser um diálogo entre os sujeitos “Deus” e o fiel, apresenta-se em monólogo, uma vez que o porta-voz do “Todo Poderoso” externou uma verdade inquestionável. (SANT’ANNA, 2009, p. 503).

Além disso, essa fala monológica promove a ilusão de livre-arbítrio que “às escuras, não traz outra inclinação que não seja a obediência ao ditame mandamento de “Deus.” (VIEIRA; REIS, 2018, p. 18).

Logo concluímos que as relações de força são determinantes para a constituição desse discurso religioso.

Dos dois líderes religiosos observamos que um deles desenvolve sua argumentação no imaginário da entrega do dízimo como um meio de atingir os privilégios que esta ação pode proporcionar ao fiel, ou seja, o locutor elabora uma linha de raciocínio tendo como fundamento, o dízimo uma moeda de troca.

Enquanto o outro desenvolve sua enunciação sobre o dízimo tendo o medo como aliado na sua argumentação. Todavia, ambos sujeitos desenvolvem cenários e estratégias semelhantes.

Cenários esses, cuja a participação dos fiéis é inexistente, buscam com frequência destacar sua autoridade enquanto portadores da voz de deus durante sua enunciação, utilizam metáforas e parábolas para fundamentar suas falas e gerar

aproximação do contexto bíblico às experiências vividas pelos fiéis, análogo a elucidação de Vieira e Reis (2018).

Além desses aspectos, eles fazem escolhas lexicais do tipo: maldição, incrédulo, benção, privilégios, ladrão entre outras. Contudo, a escolha por palavra essas ou outras contendo o mesmo conteúdo extremistas, não é uma peculiaridade atribuída apenas aos sujeitos locutores desta análise, mas é uma característica de vários outros líderes religiosos de mesma vertente cristã.

Nesse aspecto, concluímos que essa semelhança lexical que os sujeitos pastores da análise têm um com o outro, é descrita pelo princípio da paráfrase, pois ambos replicam a ideologia capitalista do dízimo, apenas com algumas variações do eixo lexical.

Consideramos esta ideologia como uma prática persuasiva; que tem como base de seu discurso e da produção de sentido o momento histórico, os sujeitos e a língua. É uma ideologia que necessita de sujeitos com uma formação discursiva voltada à religião, para que dessa maneira a o discurso possa acessar e manifestar suas memórias discursivas.

Discutimos neste trabalho o discurso religioso neopentecostal voltado ao dízimo. Procuramos estudar suas características e suas especificidades com minúcia a partir dos princípios discursivos propostos pela análise do discurso.

Temos ciência de que diante da vastidão de conhecimentos que análise do discurso nos disponibiliza, possamos ter deixado escapar algumas interpretações. Contudo, acreditamos que a análise realizada aqui pode, de alguma maneira, contribuir para a compreensão da formação do discurso persuasivo religioso sobre o dízimo.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1970.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

APÓSTOLO Valdemiro Santiago: Biografia de Apóstolo Valdemiro Santiago. [S. l.], [2022?]. Disponível em: <https://www.letras.com.br/apostolo-valdemiro-santiago/biografia>. Acesso em: 5 nov. 2022.

Bíblia de Estudo NTHL, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. 1792 p.

Burgess, J; Green, J. (2018). *YouTube: Online Video and Participatory Culture*. 2. ed. Cambridge: Polity Press.

BURGOS, Léo. *Receita de igrejas quase dobra em oito anos e vai a R\$ 24,2 bi*: Em valores atualizados, são R\$ 32 bi a mais; alta é atribuída à expansão no número de templos. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/receita-de-igrejas-quase-dobra-em-oito-anos-e-vai-a-r242-bi.shtml>. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. IBGE. Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: Nov de 2022.

DA SILVA CARREIRO, Gamaliel. *ANÁLISE SÓCIO-DESENVOLVIMENTAL DO CRESCIMENTO EVANGÉLICO NO BRASIL*. Orientador: Prof. Doutor Eurico Antonio Gonzalez Cursino dos Santos. 2007. Tese (PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA, Brasília, 2007. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2879/1/2007\\_GamalielDaSilvaCarreiro.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2879/1/2007_GamalielDaSilvaCarreiro.pdf). Acesso em: 12 dez. 2022.

DICIO: Dicionário Online de Português. [S. l.: s. n.], [entre 2009 e 2022]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hebreus/>. Acesso em: 7 nov. 2022.

EDIR Macedo Ensinando Pastores a Pedir Dinheiro. [S. l.]: YouTube, 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vWV18gxb5ZY&t=138s&ab\\_channel=itajurecaboco](https://www.youtube.com/watch?v=vWV18gxb5ZY&t=138s&ab_channel=itajurecaboco). Acesso em: 12 dez. 2022.

KOLTOV, Esther. *Vida Prática Judaica*: Dízimo no Judaísmo: Obrigação de Quem? [S. l.], [entre 2015 e 2022]. Disponível em: <https://www.vidapraticajudaica.com/single-post/2020/02/28/d%C3%ADzimo-no-juda%C3%ADsmo-obriga%C3%A7%C3%A3o-de-quem>. Acesso em: 2 nov. 2022.

MARIANO, Ricardo. Tipologia das formações pentecostais: O neopentecostalismo. In: MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 23-48. ISBN 85-15-01910-8. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KY-O\\_a9KuzYC&oi=fnd&pg=PA5&dq=neopentecostalismo+hist%C3%B3ria&ots=ByLdZYF0eF&sig=5jnJZP7qvtvvgA3E8yocvf1NHr8#v=onepage&q=neopentecostalismo%20hist%C3%B3ria&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KY-O_a9KuzYC&oi=fnd&pg=PA5&dq=neopentecostalismo+hist%C3%B3ria&ots=ByLdZYF0eF&sig=5jnJZP7qvtvvgA3E8yocvf1NHr8#v=onepage&q=neopentecostalismo%20hist%C3%B3ria&f=false). Acesso em: 14 maio 2021.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. Debates NER, UFRGS, Porto Alegre, n. 24, p. 119 – 137, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/43696/27488>. Acesso em: nov. de 2022.

NASCIMENTO, Toni. *Quem é Edir Macedo? Conheça a história do fundador da Igreja Universal*: Quem é Edir Macedo? O que ele fazia antes de fundar a emissora Record? Quais suas origens? Contamos tudo para você! [S. l.], [entre 2021 e 2022]. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/quem-e-edir-macedo-conheca-a-historia-do-fundador-da-igreja-universal/>. Acesso em: 5 nov. 2022.

O QUE me preocupa não é nem o grito... Martin Luther King. [S. l.], [entre 2005 e 2022]. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NDg1MjYy/>. Acesso em: 29 set. 2022.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1983.

PALAVRA Amiga do Bispo Macedo - O Significado do Dízimo - 20/08/2012. [S. l.]: Bispo Edir Macedo, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/EovGFP26b60>. Acesso em: 11 nov. 2022.

PASTOR Valdomiro Santiago exigindo Dízimo. Direção: Fabilson Barros. Produção: Fabilson Barros. Roteiro: Fabilson Barros. [S. l.]: You Tube LIVE, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/b925ABFkp9s>. Acesso em: 11 nov. 2022.

PÊCHEUX, M. (1997). "Análise Automática do Discurso - AAD-69". In: GADET, F.; HAK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso*. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, p. 61- 162.

ORLANDI, Eni. *A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*. S/n, [s. l.], [200-]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ORLANDI. *Análise de discurso – princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 5ª ed., 2003.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

\_\_\_\_\_. Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2013.

\_\_\_\_\_. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012b.

OXFORDLANGUAGES. [S. l.: s. n.], [200-?]. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 8 nov. 2022.

PASTOR Valdomiro Santiago exigindo Dízimo. Direção: Fabilson Barros. Produção: Fabilson Barros. Roteiro: Fabilson Barros. [S. l.]: You Tube LIVE, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/b925ABFkp9s>. Acesso em: 11 nov. 2022.

PRETI D. (org) *O discurso oral culto* 2ª. ed. São Paulo: Humanitás Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

QUEIROZ, Igor Gouveia. *O Youtube como ferramenta da cultura midiática participativa*. In: XIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2015, Natal, Rio Grande do Norte. Disponível em: Acesso em: 27 mar. 2019.

RESENDE, Thiago. Receita em igrejas quase dobra em oito anos e vai a 24,2 bi. *Folha de São Paulo*, [S. l.], p. 1-1, 19 ago. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/receita-de-igrejas-quase-dobra-em-oito-anos-e-vai-a-r242-bi.shtml>. Acesso em: 14 maio 2021.

RODRIGUES DE SOUZA JÚNIOR, Jorge. *Metodologia da investigação em análise do discurso – Algumas considerações*. IDepartamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. S.d. Artigo IEL-UNICAMP/CAPES, Campinas, s.d. p. 2049-2054. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN\\_2009/PDF/Jorge%20Rodrigues%20de%20Souza%20J%C3%BAnior.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Jorge%20Rodrigues%20de%20Souza%20J%C3%BAnior.pdf). Acesso em: 5 nov. 2022.

SANT'ANNA, J. R. Demagogia coercitiva nos discursos religiosos de Padre Agamedes, de Levantado do Chão, de José Saramago. Anais do XXII Congresso Internacional da ABRAPLIP, Salvador, 2009, p. 498- 514.

SANTOS, João Henrique dos. A extravagante Bula Unigenitus (1343) e a questão das indulgências. *Identities: XIII Encontro de História Anpuh-Rio*, Gama, p. 2-6, [200-?]. Disponível em: [http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212962417\\_ARQUIVO\\_AEXTRAVAGANTEBULAUNIGENITUS.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212962417_ARQUIVO_AEXTRAVAGANTEBULAUNIGENITUS.pdf). Acesso em: 4 nov. 2022.

SCHWANDT, T. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

SIGNIFICADOS: Comportamento humano. [S. l.: s. n.], [entre 2011 e 2022]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/fidelidade/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

STAUDER, Eduardo Paulo. A prática do Dízimo no Deuteronômio. *In*: STAUDER, Eduardo Paulo. *O Dízimo como prática comunitária e solidária - Uma leitura Histórico-crítica de Deuteronômio 14,22-29: Não segurarás para comer em teus porões dízimos dos teus grãos*. 2007. Dissertação de Mestrado (Pós-graduação) - Strictu Sensus, São Paulo, 2007. p. 115. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/419#preview-link0>. Acesso em: 14 maio 2021.

TORRESAN, Jorge Luís. A manipulação no discurso religioso. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007.

VIEIRA, Maria Vitória Loureiro do Nascimento; REIS, Klivy Ferreira dos. O discurso religioso barganhando a fé. *Instrumento Crítico*, [s. l.], v. 4, n. 4, p. 11-20, 2018.

## GLOSSÁRIO

## GLOSSÁRIO

**COHEN:** COHEN - (plural: "**cohanim**") literalmente, sacerdote. Trata-se da casta aharônica, descendentes de Aharon, o irmão de Moisés, que foi o primeiro sacerdote entre os filhos de Israel. (levitas) (JUDAISMO IBÉRICO, 2013)

**COHANIN ou KOHANIN:** Os cohanim (plural de cohen) foram separados do restante da tribo de Levi, e são ordenados com muitos preceitos diferentes dos demais levitas e demais israelitas. O sumo-sacerdote, o principal dentre os cohanim no Templo é chamado em hebraico "cohen-gadol" - o "grande sacerdote". (JUDAISMO IBÉRICO, 2013)

**TERUMÁ:** Terumá (singular de terumot) que é geralmente 1/50 da colheita dada ao Cohen e 10% do Maasser dado ao Levita que é dado ao Cohen, chamada Terumat Maasser. (JUDAISMO IBÉRICO, 2013)

**TERUMA GEDOLA:** É a primeira porção separada para o cohen, após a qual a dízima é entregue cohen gadol (o principal o sacerdote principal da tribo de Levi). (JUDAISMO IBÉRICO, 2013)

**MA'ASSER:** Deriva de 'esser = dez. Significa "dízima". após separar-se a "terumá" - i.e., a porção que cabe ao cohen, a dízima deve ser separada e dada ao levita. Após isto, outra dízima deve ser separada (do que restou), e os proprietários devem comê-la em Jerusalém, estando puros. A primeira dízima é dada ao levita, e chama-se "ma'asser richon" ou "ma'asser levi". A segunda separação é chamada "segunda dízima", ou "ma'asser cheni". (*IDEM*)

**MA'ASSER RICHON:** Essa é a primeira dízima é dada aos levitas Após separar-se a "terumá" – ex; a porção que cabe ao cohen, a dízima deve ser separada e dada ao levita. (*IDEM*)

**MA'ASSER CHENI:** Após a ma'asser richon a outra dízima deve ser separada (do que restou), e os proprietários devem comê-la em Jerusalém, estando puros. (*IDEM*)

**MA'ASSER ANI:** A'ASSÊR 'ANI - (v. "terumá") - Nos anos terceiro e sexto (contagem feita a partir do ano de descanso da terra), a segunda dízima deve ser dada aos pobres. (*IDEM*)

**POVO DE ISRAEL:** A etimologia do nome "Israel" é derivada de duas palavras: de um lado, "Sara", cuja raiz significa "lutar", "prevalecer", "ter poder como um príncipe"; de outro, a palavra "El", que quer dizer "força", "poder", especialmente como o Onipotente. Portanto, poderíamos expressar o significado de "Israel" como "príncipe poderoso que luta e prevalece", "soldado de Deus" ou "aquele que governa com o Todo-Poderoso". A origem do termo povo de Israel tem origem na história. Jacó foi um grande profeta que viveu centenas de anos antes do tempo de Cristo. Por ter sido fiel, o Senhor deu-lhe o nome especial de Israel, que significa "aquele que prevalece com Deus" ou "que Deus prevaleça". Jacó teve doze filhos. Esses filhos e suas respectivas famílias tornaram-se conhecidos como as doze tribos de Israel ou israelitas. (PUBLIFOLHA, 2009)

**POVO HEBREU:** Relativo aos hebreus, povo semita da Antiguidade que, descendente de Abraão e antepassado dos judeus, professa a religião de um só Deus, sendo sua história relatada na Bíblia pelo Velho Testamento; hebraico. Hebreus é o plural de hebreu. O mesmo que: judeus, hebraicos, israelitas, judaicos e semitas.

**FRUTO DO BEM E DO MAL:** Diz que era o "fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal". A ideia de considerar esse fruto uma maçã veio aos poucos, muito provavelmente por obra dos antigos tradutores da Bíblia. Ao versarem o texto do grego antigo para o latim, eles utilizaram a palavra "comum". Fato é que a fruta se tornou símbolo de pecado e tentação. Mas também de conhecimento. A historiadora Janik afirma que a maçã traz, nas diversas culturas, significados de amor, imortalidade, dom e amizade. (BBC, 2022)

**GRAÇA:** No âmbito da teologia, graça consiste no dom sobrenatural, concedido por Deus como meio de salvação. No cristianismo, graça é o dom gratuito de Deus ao homem num encontro transformante em que a criatura humana é restaurada. Através

da graça, Deus confere ao homem a participação na vida divina fazendo-o Seu filho adotivo. (DÍCIO, 2022)

## APÊNDICES

## **APÊDICE A – Pregação do Bispo Edir Macedo do canal *Palavra Amiga do Youtube***

PRESTA ATENÇÃO...você que é dizimista e você que não é dizimista e deseja sê-lo e quer uma razão para ser dizimista... (o) que é o dizimo?... O que que significam os dízimos?... condição que deus EXIGE... para que nós nos voltemos para ele... é isso mesmo... deus EXIGE/ EXIGE que nós apresentemos os dízimos...como porta de entrada para o trono de deus... se você não sabia disso fique sabendo... por que bispo? o dízimo são as primícias...ANTES da lei Moisés/ ANTES da lei de Moisés já HÁVIA a lei do dízimos/ a consciência do dízimo/ Abraão pagou o dízimo a deus...a deus/ pagou o dízimo a Melquisedeque... e QUANDO Adão e Eva tocaram naquela ÁRVORE/ naquele fruto daquela ÁRVORE no jardim do Éden... ELES TOCARAM no DÍZIMO de deus.../ eles tocaram naquilo que NÃO lhes pertencia... por que, bispo? porque deus tem nos dízimos algo TÃO importante? Porque o dízimo REPRESENTA FIDELIDADE... NINGUÉM JAMAIS em SÃ CONSCIÊNCIA é capaz de pagar o dízimo/ de tirar os PRIMEIROS dez por cento e trazer na casa de deus se NÃO ti-ver fé na existência de deus/ é verdade ou não é?... você acha que um incrédulo paga dízimo? Ele acha um absurdo... MESMOS esses cristãos de papel... tão pouco... têm essa fé de pagar dízimo porque acham um absurdo/ já me desconta tanto do meu salário/ mas o que você não sabe e que precisa saber e ter consciência (é) que dízimo não é dinheiro... o dízimo significa o seguinte... que você pertence a deus... que deus é o primeiro na sua vida... que o senhor Jesus é o primeiro na sua vida...por isso são os PRIMEIROS dez por cento que nós apresentamos a deus.../ os PRIMEIROS dez por cento/ se você GASTA os primeiros dez por cento consigo/ recebeu o salário e pegou os NOVENTA por cento restante e trouxe na igreja... você vai ser considerado TÃO ladrão quanto aquele que não paga o dízimo.../ não tem nada a ver com oferta... não tem nada a ver com montante....tem a ver com FIDELIDADE daquele que pertence a deus... por exemplo eu posso pagar o dízimo pelo meu filho pela minha filha/ NÃO não eu não posso... ele que tem que pagar o dízimo por ele/ ela que tem que pagar o dízimo por ela.../ o dízimo é algo pessoal...dízimo não é oferta... dízimo é (fórum) INTÍMO que você TRÁS dentro de si/ é uma questão de FÉ de FÉ nesse deus invisível... é isso que significa dízimo.../ AGORA... O QUE ele mais representa? ele

representa... VOCÊ/ VOCÊ quando trás o dízimo a deus na realidade VOCÊ é o dízimo... deus olha pra VOCÊ como o dízimo/ VOCÊ é considerado como o primogênito.../ você sabe que primogênito/ primícias/ primeiro filho é tudo a mesma coisa/ DIZÍMO é a mesma coisa... quando VOCÊ/ quando nós APRESENTAMOS o DIZÍMO nós estamos apresentando a NOSSA vida diante de deus...quer dizer... aqui senhor/ tu me deste sabedoria pra ganhar dinheiro/ o senhor me deu ar água vida enfim/ o senhor me deu as CONDIÇÕES para ganhar o que eu ganhei/ aqui estão os primeiros frutos do meu trabalho.../ você está HONRANDO a deus/ você está CONSIDERANDO o senhor/ esse deus invisível você está considerando como deus da sua vida/ AINDA que você não o veja/ isso é questão de fé.../ ORA... quando você faz isso você está dizendo meu deus... eu sou o dízimo... que o senhor... colocou aqui na terra... quer dizer/ da forma como você é DIZÍMO para deus... então DEUS o considera como FILHO como pessoa dele como ALGUÉM... que ele tem que ele tem colocado a sua própria UNÇÃO/ a sua própria autoridade sobre a terra.../ DEUS considera você em primeiro lugar/ DEUS TEM MUITOS filhos mas CADA FILHO é um primogênito/ é uma primícia de deus... como por exemplo ele falou para Moisés DIZER para faraó/ DIGA a faraó/ FARAÓ... FARAÓ ISRAEL é MEU FILHO... é meu PRIMOGÊNITO... quer dizer/ é meu primeiro filho/ mas Israel não eram um eram TRÊS Milhões de pessoas... quer dizer/ todos faziam parte do dízimo de deus... compreende o que eu estou falando? Sim ou não?/ se VOCÊ considera deus em primeiro lugar/ saiba que ele considera você em primeiro lugar pra ele.../ ABRÃO ABRÃO foi feito a BENÇÃO/ a própria benção... quer dizer/ a autoridade de deus aqui na terra.../ quando você é dizimista você tem a AUTORIDADE para fazer negócio lícitos corretos legais.../ você fazer em nome de deus... e você será próspero/ abençoado porque você é um dizimista/ você é um consagrado a deus.../ no livro de **JEREMIAS** deus fala.../ eu vou ler pra você aqui agora/ se você quiser acompanhar comigo também/ **JEREMIAS** capítulo/ **JEREMIAS** capítulo dois/ ele diz assim.../ ((pagina a Bíblia)) **JEREMIAS** dois e versículo três/ diz assim ((toma água)) então Israel ERA CONSAGRADO ao senhor/ consagrado quer dizer/ era de propriedade de deus.../ consagrado quer dizer propriedade de deus/ dedicado a deus.../ uma pessoa consagrada a deus é uma pessoa de deus...ela é de deus/ ela PERTENCE a deus.../ ela PERTENCE ao senhor/ (e) Israel era consagrado ao senhor e era O QUE?...as PREMISSIAS de sua colheita quer dizer/ Israel era o PRÓPRIO? dízimo.../ os dizimistas na realidade quando pagam o dízimo/ quando são fiéis a deus/ eles se

IDENTIFICAM diante de deus como o próprio dízimo/ por isso eles têm o direito de COBRAR de DEUS o que ele prometeu e POR ISSO deus fala na sua palavra/ PROVAI-ME se eu não vos abrir a janela dos céus e derramar sobre vós benção SEM medida/ você pode provar deus qualquer hora no que diz respeito a dízimos e ofertas/ a qualquer momento/ se você tiver fé você pode ter certeza que você vai conquistar porque não sou eu/ não é uma ideia minha/ é o que está escrito na palavra de deus/ você pode ler na **BIBLIA** e na **BIBLIA** católica/ está escrito a mesma coisa.../ agora claro quem tem fé aceita o desafio/ quem não tem não faz/ também não recebe.../ compreendeu? sim ou não?.../ todas as noites nós estaremos fazendo programa AO VIVO pela rede Aleluia/ ensinando o que significa dízimo/ porque tem MUITA coisa aqui que diz respeito a sua vida/ quando se fala em dízimo/ nós não estamos falando/ não estamos tratando de dinheiro/ DEZ por cento/ DECIMA parte do meu salário/ não/ está se tratando da sua vida por INTEIRO... diante de deus...diante do inferno e diante do mundo.../ por isso deus fala sobre a DIFERENÇA/ você tem que ser diferente/ eu tenho que ser diferente/ nós temos que ser diferentes.../ nós não podemos ser iguais aos outros.../ nós temos que ser diferentes.../ QUEM é de deus é diferente daqueles que não são de deus.../ e ELE MESMO/ DEUS disse outra vez vereis a diferença entre os que SERVEM a deus/ os dizimista e ofertantes e aqueles que não servem.../ não é só o ofertante não/ não é que/ você pode dar até NOVENTA por cento de oferta mas se você não é dizimista então você não está enquadrado.../ você não está enquadrado dentro dos dizimistas/ você tem que ser dizimista/ OBRIGATORIAMENTE tem que ser dizimista/ se você quiser ser a própria benção/ mas se você quiser receber a benção seja ofertante/ o ofertante tem direito de receber a benção...limitada claro/ mas o dizimista já tem as janelas abertas sobre a cabeça dele/ a vida dele/ por toda a vida/ amém?.../ compreendeu o que eu estou falando?.../ nós vamos falar mais a respeito desse assunto no futuro

## **APÊNDICE B - Pregação do Apóstolo Valdemiro Santiago do canal *Bucaneiro* do Youtube**

eu queria que você investimentos de dez mil/ cinco mil.../ de dois mil/ mil reais/ queria convidar agora/ convocar os empresários/ comerciantes/ fazendeiros / pra investir dez mil/ cinco mil/ dois mil/ isso diretamente na conta da igreja Mundial do Poder de Deus/ não é conta do apóstolo/ do bispo/ da bispa não/ e o demais que venham investir na oferta do carnêzinho que é de setenta reais ( ) que é simbólico... é sete por cento do salário mínimo...mas tem gente que pode investir isso (...)/ ah mas eu estou investindo meu dízimo/ não você não está investindo seu dízimo/ você está devolvendo o dízimo.../ (porque) até parece (que) se eu dou a alguém o que já é dela eu estou investindo na vida dela/ CLARO que não/ o DIZÍMO é de deus/ o DIZÍMO é da obra/ o DIZÍMO pertence a deus/ se você mexer nele aí você vai fazer como Adão e Eva fizeram quando comeram aquele fruto da árvore que não podia mexer.../ e aí foram expulsos do jardim/ dos privilégios.../ sujeito que toca no dízimo (ou seja) que rouba deus no dízimo...ele vai PERDER seus privilégios.../ porque deus cerca o homem de privilégios...é verdade (isso)?.../ vai começar a andar doente/ vai dar tudo errado na vida dele/ as portas vão se fechar... então você tem que devolver o dízimo a deus/ DEVOLVER/ você quer INVESTIR é oferta/ investimento é oferta/ você não está investindo dízimo não/ você não está fazendo VANTAGEM nenhuma devolvendo o dízimo ( ) de deus/ isso aí é de deus/ está pensando o que?/ você (bate no peito) eu dei tanto de dízimo/ você não deu NADA/ você DEVOLVEU o que é de deus.../ você quer dar/ tem que dar é do SEU/ dos seus noventa.../ dez por cento é da obra/ é de deus/ e ele poderia pedir noventa mas ele pediu dez.../ pediu não né/ ele exigiu/ isso aí é exigir não é pedir também não.../ ele pega pesado.../ ( ) amaldiçoado também/ele não está pedindo não/ ninguém vai amaldiçoar alguém por um pedido... é uma ordem/ é ordem/ isso aí é regra.../ isso aí é ordem/ isso aí é lei.../ devolver o dízimo porque é deus/ dez por cento de tudo que você ganha é deus/ isso aí não é seu não/ você nem chegue perto pra gastar/ pra mexer/ isso aí de deus/ e os noventa se você dar alguma coisa aí você está dando aí você está investindo aí você está investindo.../ então esse mês principalmente... até o último dia desse mês/ estou chamando empresários/ comerciantes/ lojistas/ e façam o investimento de dez mil/ cinco/ de dois/ de mil/ de quinhentos/ de trezentos/ duzentos/ de cem.../ e todo povo né/ a massa.../ venham

investir a do carnêzinho/ isso não é investimento/ isso aí é uma oferta que você está dando.../ e devolver o dízimo fielmente está bom?

**ANEXOS**

## ANEXO A – Códigos de transcrição: NURC

A seguir a tabela com a legenda para a transcrição dos textos. Conforme Castilho & Preti (1993 *apud* SILVEIRA, p. 161, 2007).

Tabela 1 – Códigos de Transcrição do NURC<sup>28</sup>

| OCORRÊNCIAS  | SINAIS                                | EXEMPLIFICAÇÃO                               |
|--|---------------------------------------|--|
| Incompreensão de palavras ou segmentos   | ( )                                   | Do nives de rensa ( ) nível de renda nominal |
| Hipótese do que se ouviu   | (hipótese)                            | (estou) meio preocupado (com o gravador)     |
| Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre) | /                                     | E comé/e reinicia                            |
| Entonação enfática   | Maiúscula                             | Porque as pessoas reTÊM moeda                |
| Prolongamento de vogal e consoante (como s, r )                                  | :: podendo aumentar para :::: ou mais | Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro           |
| Silabação  | -                                     | Por motivo tran-sa-ção                       |
| Interrogação   | ?                                     | E o Banco... Central... certo?               |

<sup>28</sup> Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2

|  |                   |   |
|--|-------------------|---|
| Qualquer pausa   | ...               | São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção |
| Comentários descritivos do transcritor   | ((minúscula))     | ((tossiu))  |
| Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático                               | - -               | ... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...            |
| Superposição, simultaneidade de vozes  | Ligando as linhas | a. na casa de sua irmã b.<br>[sexta-feira? a. fazem LÁ b.<br>[cozinham lá                             |
| Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo. | (...)             | (...) nós vimos que existem...  |

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)
2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o cadenciamento da frase.

7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa)

8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.